

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Mestrado em Jornalismo

**O JORNALISMO DE PROXIMIDADE COMO PROMOTOR DA
CULTURA E IDENTIDADE DE UMA REGIÃO**

O caso do Porto Canal

Relatório de Estágio

Maryline Sales de Almeida

Orientadora: Dr^a Daniela Santiago

Lisboa

Outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Declaro ser autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 4 de Outubro de 2013

Agradecimentos

Agradeço, antes de mais, à Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa pela criação deste Mestrado em Jornalismo com uma forte vertente prática que me permitiu a integração na área da comunicação social e me abriu novos horizontes em termos de conhecimento. A todos os docentes das diversas áreas da comunicação, especialmente aos que exercem, em simultâneo, profissões na área do jornalismo, pela excepcional partilha de conhecimentos acerca da realidade laboral.

Um especial agradecimento à Professora Doutora Daniela Santiago, minha orientadora de Estágio e do presente Relatório, pela disponibilidade que sempre demonstrou, nomeadamente nos comentários, críticas, sugestões e correcções feitas durante a orientação, bem como à experiência partilhada ao longo do curso, que em muito me motivou e incentivou a ingressar na área do jornalismo televisivo.

Aos meus colegas do Porto Canal que permitiram que a experiência como estagiária fosse o mais rica possível, sempre com total disponibilidade para me auxiliar e acompanhar ao longo desse processo.

Aos meus amigos, em especial à Andreia, à Micas, Maribel, e ao Adrien, que por tantos momentos demonstraram a paciência, o carinho e atenção, bem como a confiança e a força de que precisava. À Diana, à Maria e à Joana, companheiras de curso, com quem tive o prazer de conviver e trabalhar.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento muito especial à minha família, em particular aos meus pais, que foram os meus primeiros professores na vida, e a quem devo e dedico, sem dúvida, a chegada a esta etapa da minha vida.

A todos, o meu muito obrigada.

Resumo

Este trabalho parte de uma vontade de analisar os domínios da informação televisiva regional no seio de um projecto de televisão que apesar de ser considerado de âmbito nacional, se afirma de cariz totalmente regional. Desta forma, aborda-se o papel e a importância do jornalismo regional como um jornalismo de proximidade, que presta ao cidadão uma informação diferenciada da dos restantes canais nacionais generalistas de sinal aberto.

O Porto Canal - o canal da Região Norte - tem vindo a conquistar o seu lugar de destaque por entre os meios de comunicação social nacionais, e nesse sentido, o meu objectivo de estudo parte precisamente do telejornalismo de proximidade, através deste caso específico.

O que se pretende aferir é até que ponto o Porto Canal se aproxima do conceito de televisão de proximidade e se, por sua vez, cumpre as “missões” a esse conceito associadas; perceber e analisar que género de programas informativos e culturais o canal oferece ao seu público; quais são os critérios de noticiabilidade desse jornalismo de proximidade; de que forma se estabelece e funciona a relação entre o canal e a comunidade, se assenta no “pacto comunicacional de proximidade” que visa o reforço da identidade regional e o desenvolvimento da própria região; qual a importância e o papel do jornalismo de proximidade para o desenvolvimento da região, e de que forma tem o Porto Canal contribuído para a discussão e debate públicos, e por conseguinte, para o desenvolvimento e protagonismo da Região Norte.

Os resultados permitem concluir que o Canal tem vindo ao longo dos anos a evoluir, e que há uma evidente preocupação em produzir um jornalismo de proximidade. Os critérios de noticiabilidade vão de encontro a essa perspectiva e isso tem-se reflectido nos níveis de audiência.

O Porto Canal aposta no rigor e na qualidade da informação, mas consciente de que o papel que desempenha difere do dos restantes canais generalistas de sinal aberto. Assume que a sua missão é diferente, e esforça-se por manter uma participação mais activa na vida dos cidadãos. Desta forma, é possível admitir que se trata de um caso de sucesso no que respeita ao jornalismo de proximidade.

Abstract

This work took off of a will to analyse the domains of regional television information within a television project that, despite being inserted in the national scope, is totally oriented to the regional section. So, it approaches the role and significance of regional journalism as a journalism of proximity, that pays the citizen a different information than the others generalist channels of Air TV.

Porto Canal, the channel of the North Region, has come to conquer it's featured place in the national media, and accordingly, the goal of my study takes off of the journalism of proximity, through this specific case.

The purpose of this study is to measure the closeness of Porto Canal to the meaning of television of proximity, and, in turn, achieves the goals related to that meaning; to understand and analyse what kind of informative and cultural programs the channel offers to the public; what is the criteria of newsworthiness of that journalism of proximity; in which way it creates a makes work a relation between the channel and the community, and if it fits the "communicational pact of proximity" that aims to the reinforcement of the regional identity and the development of that region; the importance and the role of journalism of proximity for the growth of the region, and how Porto Canal has contributed to the public deliberation, and thus, to the growth and main role of the North Region.

The results allow us to conclude that Porto Canal has been evolving since its beginning, and that there's an obvious preoccupation in producing a journalism of proximity. The criteria of newsworthiness fit that perspective and that's reflected in the levels of audience.

Porto Canal wages on the rigor and quality of its information, but still, always aware that they role is different from the other generalist channels of the air TV. It assumes its mission is different and has the objective of getting close to the viewer. Therefore, it's possible to assume that this channel is a successful case within the journalism of proximity.

Índice

Introdução	8
Capítulo I	12
O Porto Canal	12
Capítulo II - Jornalismo de Proximidade	24
2.1 O conceito	24
2.2 O Pacto Comunicacional	27
2.3 O papel e a importância do jornalismo de proximidade	28
2.4 A Televisão de Proximidade	34
2.5 A noção de Região e Identidade Regional	35
2.6 O espaço público de proximidade	39
2.7 Os critérios de noticiabilidade no contexto do jornalismo de proximidade	41
2.8 As tendências	41
Capítulo III - O caso do Porto Canal	49
3.1 A Metodologia de trabalho do canal e o “pacto de proximidade”	49
3.1.1 O mapa de cobertura noticiosa	49
3.1.2 A redacção	50
3.1.3 O agendamento	52
3.1.4 A oferta informativa	57
3.1.5 Os Telejornais do Porto Canal	59

3.1.6 O tratamento da informação	60
3.1.7 Os “Dossiers de Informação”	63
3.1.8 Reflexos do reconhecimento do Canal	63
Conclusão	66
Bibliografia	75
Anexos	79
Mapa da Cobertura Noticiosa	80
Entrevistas transcritas	81
Exemplos de Alinhamentos do Jornal:	102
Caso 1	102
Caso 2	110

Introdução

*O jornalista regional é um músico sentado
frente a grandes órgãos para aí tocar valsas populares.*

Jean Tibi

Num mundo cada vez mais global, as relações de proximidade parecem estar a ganhar a sua força e a marcar o seu lugar de relevo e importância.

Se por muito tempo os *media* foram vistos como possíveis “inimigos” da identidade cultural de um povo ou sociedade, hoje percebe-se que, pelo contrário, eles podem ter uma função oposta e contribuir para o cruzamento e divulgação de elementos, valores, tradições, dessas diferentes culturas.

E é nesse sentido que nasce a intenção de realizar este trabalho, e a opção pelo Porto Canal para levar a cabo o estudo.

A análise que se segue recai precisamente sobre o telejornalismo de proximidade, através do caso específico do Porto Canal – O canal da região Norte. Isso permitiu-me partir do exemplo de um canal de televisão generalista, que, apesar de estar registado na ERC como canal de âmbito nacional, reúne entre os métodos funcionais de trabalho e os próprios objectivos editoriais, características de cariz regional, organizado neste momento em torno de temas relacionados com o Grande Porto e o Norte do País. Com um vasto conjunto de conteúdos e programas de diversas temáticas, o Porto Canal é distribuído pelas diversas plataformas de cabo a satélite do país, e tem uma programação especializada em comunicar para o que é, neste momento, o seu público de referência: O Público do Norte, com a vantagem de ter uma difusão nacional. É no entanto perceptível uma intenção de fazer crescer e expandir o trabalho do canal, sobretudo no que respeita à área de abrangência noticiosa (também muito ligada à criação de novas delegações), mas mantendo sempre como linha editorial a produção de um jornalismo de proximidade.

O meu objectivo inicial partiu precisamente da vontade de perceber até que ponto o Porto Canal se aproxima do conceito de televisão de proximidade, e se por sua vez, cumpre as “missões” a esse conceito associadas. Ainda que o principal foco de atenção fossem os noticiários emitidos pelo canal, o meu objectivo passou também por perceber e analisar que género de programas informativos e culturais

(para além do noticiário), o canal oferece ao seu público, quais são os critérios de noticiabilidade desse jornalismo de proximidade; de que forma se estabelece e funciona essa relação entre os meios de comunicação social de proximidade e a região, assente no “pacto comunicacional” que visa o reforço da identidade regional e o desenvolvimento da própria região; qual a importância e o papel do jornalismo de proximidade para esse desenvolvimento da região. Perceber, desta forma, como é tratada a informação, de que forma tem o Porto Canal contribuído para a discussão e o debate públicos de forma a promover uma cidadania activa, se tem o canal contribuído para o protagonismo da Região Norte.

Em suma, como questão central deste trabalho, interessava-me perceber de que forma o jornalismo de proximidade funciona como promotor da identidade e da cultura da Região Norte, e de que forma isso contribui para o desenvolvimento e reconhecimento da região.

A investigação que tem vindo a ser realizada no âmbito do jornalismo de proximidade recai sobretudo na imprensa. São exemplo os trabalhos de Carloz Camponez – “Jornalismo de Proximidade” – de Feliciano Barreiras Duarte – “Informação de Proximidade” – de Sofia Santos – “Imprensa Regional: Temas, problemas e estratégias de informação local”. Por sua vez, os estudos sobre jornalismo televisivo em Portugal incidem sobretudo nos noticiários televisivos dos canais generalistas nacionais. É o que acontece em alguns dos trabalhos mais citados nesta área, como “Os Telejornais e Serviço Público” (1999) e “A TV do Real – a TV e o espaço público” (2008) de Felisbela Lopes, ou em “Prime Time: de que nos falam as notícias nos telejornais” (2005) e “As notícias nos telejornais” (2010), ambos de Nuno Goulart Brandão ou “A TV de Proximidade e os novos desafios do espaço público”, de Pedro Coelho.

Desta forma, para além do envolvimento que me permitiu o método de observação participante no canal (enquanto estagiária), procurei, através da

realização de algumas entrevistas “semi-abertas”¹ (Manzini, 1991, p.154) a jornalistas, elementos da Coordenação e Direcção, perceber quais as ambições quanto ao futuro e ao trabalho do canal. Que perspectivas para o futuro, e que estratégias estão, ou serão implementadas no sentido de atingir esses objectivos (nomeadamente no que concerne à expansão do canal). Da mesma forma, tentei perceber junto dos jornalistas do canal, que imagem têm eles do trabalho produzido pelo órgão de comunicação em que se inserem, e até que ponto está integrado na região, já que são estes que diariamente se debatem no terreno no contacto directo com o público.

Para isso, o primeiro capítulo deste relatório é dedicado ao Porto Canal: a sua história, objectivos editoriais, contextualização geral.

De seguida, pareceu-me pertinente abordar vários elementos que dizem respeito quer ao jornalismo de proximidade, quer mesmo nalguns casos ao jornalismo regional, pelas similitudes que os dois conceitos comportam. Isto porque, o Porto Canal é ainda hoje muitas vezes encarado como um canal de âmbito regional, precisamente pela linha editorial que o caracteriza. É nessa linha de raciocínio que opto por avançar num segundo capítulo, com uma contextualização àquilo que acabam por ser as principais particularidades do jornalismo de proximidade, fazendo referência a alguns autores que sobre este tema se debruçaram. Desde o conceito ao papel e importância deste tipo de jornalismo, passando pelas tendências a ele associadas, procurei dar destaque aos principais aspectos que de alguma forma são característicos a esta prática jornalística, e por outro lado, me permitem obter um termo de comparação com o trabalho desenvolvido no Porto Canal.

¹ A entrevista “semi-aberta” ou “semi-estruturada” é, segundo José Eduardo Manzini (Manzini, 1991, p.154) aquela que é focalizada num assunto sobre o qual é criado um guião com determinadas questões principais, que depois acabam complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias do momento. Assim, emergem informações de forma mais livre, não estando as respostas condicionadas a uma padronização.

Ainda neste segundo capítulo, e porque, como já foi dito, falar em jornalismo de proximidade implica muitas vezes falar em jornalismo regional, optei por introduzir também alguma contextualização no que respeita ao surgimento das televisões regionais em Portugal, bem como focar-me no conceito de região e de identidade regional, já que são elementos que me parecem determinantes no trabalho do canal de televisão em estudo.

Trabalhar todos estes elementos associando o jornalismo regional ao jornalismo de proximidade permitiu-me estabelecer comparações e analogias perante o trabalho que é, de facto, desenvolvido pelo Porto Canal. Perceber, por exemplo, qual a barreira que delimita o empenho na proximidade com a região e o público do Norte, e a ambição de fazer crescer o canal além dessa fronteira regional.

O terceiro capítulo é dedicado ao estudo de caso do Porto Canal e engloba os vários factores que fui constatando durante o período de estágio. É neste ponto que são apresentados os resultados da análise quer aos noticiários, quer à programação do Porto Canal, quer a todos os métodos de trabalho a ele inerentes. Foram exploradas questões como as metodologias de trabalho do Porto Canal, a oferta informativa, o tratamento e selecção da informação, que me permitiram perceber as linhas mestras que guiam a produção de conteúdos do canal.

Continua evidente no Porto Canal a ambição de fazer crescer o projecto, alargando a sua área de cobertura através da criação de novas delegações. No entanto, tem-no feito de forma ponderada e gradual. Ainda assim, subsiste a todo o processo de expansão, o interesse pela proximidade e pela oferta de uma informação e programação diferenciadora, que chegue da forma mais eficaz possível próximo do seu público.

Capítulo I

O Porto Canal



O Porto Canal é hoje um projecto real de televisão. Nasceu a 29 de Setembro de 2006 com uma aposta inicial na informação de interesse específico nos 14 concelhos que integram o Grande Porto, contando, para tanto, com a colaboração de empresas, autarquias e instituições relevantes desta área metropolitana. Passados quatro anos, alargou a sua intervenção a outras áreas territoriais do Norte, captando a atenção de uma audiência cada vez mais vasta e participativa.

Com uma produção totalmente nacional, o Porto Canal foi evoluindo, e apresenta hoje uma grelha com 24 horas diárias de transmissão televisiva. Tendo como grande aposta a informação de proximidade, o objectivo passa por revelar a identidade das pessoas e da região.

Com emissão na TV Cabo há já 6 anos, o projecto nasce precisamente com o intuito de descentralizar a produção de informação televisiva, numa tentativa de combater a concentração da produção noticiosa na capital, Lisboa, e assim, criar um canal que produz e emite informação sobre o Norte e do Norte para todo o país.

Anos antes do aparecimento do Porto Canal, um outro projecto que partilha a mesma intenção havia surgido na cidade do Porto – a NTV (Porto TV, Informação e Multimédia S.A). Considerada a segunda televisão regional de Portugal, a NTV nasce em 2001, e assume-se como um canal de informação da região norte do país. No entanto, por falta de viabilidade económica, o projecto da NTV acaba por fracassar anos mais tarde e é comprado pela RTP, que em 2004 cria a RTPN (actual RTP Informação).

Ainda assim, alguns dos elementos da equipa envolvidos no processo de criação da NTV decidem não deixar cair por terra a ideia de criar um canal direccionado especialmente para a cobertura noticiosa da área Metropolitana do Porto, e, num encontro de esforços e vontades entre várias pessoas ligadas à comunicação social, nasce o Porto Canal.

A 27 de Junho de 2004, o *Jornal de Notícias*² já noticia o arranque do Porto Canal:

“Recuperar a ideia de uma televisão direccionada para a Área Metropolitana do Porto (AMP), perdida com a venda da NTV à RTP, levou um grupo de pessoas ligadas à comunicação a lançar um novo canal. Chama-se Porto Canal e deverá ser lançado no primeiro trimestre de 2005. A iniciativa partiu de Bruno Carvalho, antigo administrador da NTV (...)”

Bruno Carvalho, ex-administrador da NTV, e fundador do então Porto Canal, referia, na mesma entrevista ao *Jornal de Notícias*, que a NTV tinha conseguido concorrer com as audiências da Sic Notícias, e portanto, traça como objectivo transformar o Porto Canal num dos canais por cabo mais vistos em Portugal. Outros nomes vindos do projecto NTV estiveram também na origem do Canal, nomeadamente Daniel Deusdado (ex-consultor editorial da NTV, e que passa a ser responsável pela informação no Porto Canal) e Vanda Balieiro, actualmente Chefe de Redacção do Porto Canal.

²http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=447688

Dois anos depois, em 2006, o canal começa finalmente a apresentar condições para iniciar a emissão. A 2 de Fevereiro desse ano, o *Jornal de Notícias* avança uma data para o arranque do novo canal³:

“O canal vai onde vai o Metro’. O canal é o Porto Canal, que arranca oficialmente no dia 23 de Junho - na simbólica véspera de S. João -, às 19 horas, na TV Cabo. (...) Neste momento, estão a ser estabelecidos protocolos com entidades, nomeadamente com universidades, no sentido de ‘absorver pessoas para trabalhar no canal’. De resto, o próprio reitor da Universidade do Porto, Novais Barbosa, já foi nomeado presidente da Assembleia Geral da estação. ‘É um accionista que muito nos honra e é um esteio de credibilização do projecto’, sustenta o director. ‘A curto prazo, poderão também ser estabelecidas parcerias com outros órgãos de informação no sentido de permutar conteúdos.’”

O projecto conta então com a colaboração das autarquias, empresas e outras entidades da cidade da área metropolitana do Porto, nomeadamente da Universidade do Porto, e com os conteúdos a serem quase na íntegra fornecidos por quatro produtoras da cidade – Filbox, OP, Farol de Ideias e a Media Luso (Representante em Portugal da empresa espanhola Media Pro), que garantem cerca de 60% da sua estrutura financeira.

Depois de receber luz verde da TV Cabo, o Porto Canal inicia as emissões a 29 de Setembro de 2006, e não a 23 de Junho como tinha sido anteriormente anunciado, com uma grelha de 24 horas diárias de transmissão televisiva, com sede na Senhora da Hora, em Matosinhos.

Desde então, várias alterações têm ocorrido no canal. Em Agosto de 2009, Bruno Carvalho anuncia o cessar de funções como Director-Geral, e é substituído pelo realizador Juan Figueroa, que já integrava a estrutura do projecto pela parte da produtora Media Luso.

³ http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=536250&page

A ambição de fazer crescer o projecto, nomeadamente no que respeita à expansão da área de cobertura noticiosa, faz com que o canal, no ano seguinte, decida abrir algumas delegações situadas em vários pontos da região Norte: Mirandela (a cobrir toda a região de Trás-os-Montes), Arcos de Valdevez (que acompanha o Alto Minho) e Penafiel (encarregue pelos Vales de Sousa e Tâmega), que começam a funcionar como experiências-piloto em Julho de 2010.

Estas delegações vêm garantir maior capacidade operativa para assegurar a cobertura informativa da região Norte de Portugal. De resto, este é apenas o primeiro passo para a abertura de uma rede de delegações regionais, com as quais o Porto Canal espera dar maior visibilidade às principais comunidades urbanas nortenhas. A abertura das três delegações vem reforçar as ligações regionais da estação, dando cumprimento à matriz editorial do Porto Canal, ou seja, o aprofundamento da descentralização da sua produção televisiva. O intuito é dar voz a territórios menos mediáticos, promover o conhecimento do país, e discutir os problemas que habitualmente não têm cobertura informativa. Estas novas delegações contam com equipas compostas por dois jornalistas e um repórter de imagem.

Mais tarde, o processo de expansão estende-se também a Guimarães (a cobrir todo o território do Vale do Ave), Braga (Vale do Cávado) e Vila Real (Região Demarcada do Douro), com a abertura destas novas delegações em Janeiro de 2011. O reforço é igualmente implementado na própria sede, que passa, para além de Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Maia e Porto, a cobrir também toda a área metropolitana, permitindo noticiar eventos desde Oliveira de Azeméis até Vila do Conde, num total de 16 municípios.

A acompanhar esta expansão da cobertura noticiosa, o canal sofre também algumas alterações na grelha de programação, com a aposta em programas mais dedicados à região Norte, onde passam a ser inseridos grande parte dos conteúdos produzidos nas delegações.

O ano de 2011 é para o canal uma altura de grandes transformações. A própria sede sofre neste ano uma remodelação, quer ao nível das instalações, que sofreram um aumento, quer ao nível de recursos humanos, com a criação de novas equipas.

Em Agosto do mesmo ano o Porto Canal passa a ser gerido pelo Futebol Clube do Porto, através de uma parceria com a empresa espanhola Media Luso - com a opção de compra no final de dois anos. Esta associação do clube ao canal já vinha sendo pensada desde o início do projecto, com a intenção de aliar o canal a algumas “imagens de marca” da região Norte. Note-se, aliás, que em 2009, em entrevista à *Agência Lusa*⁴, Juan Figueroa, Director de Informação na época, dizia estar empenhado em desenvolver uma maior colaboração com as principais instituições da cidade, “através de parcerias, programas e cedências de espaço, entre outras.”; na mesma entrevista, afirma inclusivamente que haviam já sido assinados protocolos com a STCP e a Associação de Comerciantes do Porto, mas que o objectivo era “alargar a outras grandes entidades, de que são exemplos a autarquia, o FC Porto ou a Junta Metropolitana do Porto (JMP)”.

Com a parceria com o FCP, o canal passa a ter mais programas dedicados ao clube, grande parte deles de transmissão quase diária.

É também no mês de Agosto desse mesmo ano que passa a integrar a equipa o jornalista Domingos de Andrade – ex-Director-adjunto da *Agência Lusa*, e ex-Chefe de Redacção do *Jornal de Notícias* – e que assume, desde então, o cargo de Director de Informação e Programação.

No mês seguinte, dão-se mais transformações. Na data em que comemora cinco anos de emissão (a 29 de Setembro), o canal sofre nova remodelação na grelha de programação; surgem novos programas de informação geral e com a marca do Futebol Clube do Porto, que passa a estar cada vez mais presente no canal (inclusivamente com a retransmissão dos jogos “em casa” do FCP, bem como a transmissão em directo de alguns jogos das diversas modalidades).

⁴ http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=410595

No entanto, mantém-se o carácter generalista da estação e o interesse na cobertura noticiosa da região Norte.

O ano de 2012 fica marcado pela entrada de Júlio Magalhães para a Direcção do Porto Canal, apresentada por Jorge Nuno Pinto da Costa. O ex-jornalista e Director de Informação da TVI entra em funções a 1 de Fevereiro de 2012. A mudança foi noticiada em vários meios de comunicação social nacionais.

Ainda em 2012, o canal dá mais um passo ao nível da expansão da cobertura noticiosa, e que prova, talvez pela primeira vez, a intenção de extravasar a barreira do Norte: a criação da delegação de Lisboa. Embora, desde início, a informação do canal já incluísse alguma informação de âmbito nacional, é a partir desta altura que se consolida. Ainda assim, importa referir que esta delegação se dedica quase exclusivamente à actualidade política, podendo, de certa forma, considerar-se que os objectivos diferem dos das restantes delegações criadas até então. A própria Chefe de Redacção confirma que a colocação de uma equipa em Lisboa serviu “principalmente para estar próxima dos deputados que são eleitos pelos círculos eleitorais do Norte. Ou seja, o ponto de vista do Norte a partir de Lisboa; e também para termos acesso a essas notícias de âmbito nacional mas contadas pela voz de pessoas do Norte”⁵. Também o próprio Director de Informação confirma esse interesse, e sublinha a importância da presença em Lisboa “para fazer esse escrutínio de poder político. (...) Isto porque é importante estarmos onde está o núcleo, o centro nevrálgico do poder. Mas é importante estarmos lá não para fazer aquilo que os outros todos fazem, mas fazer aquilo que nós entendemos que é relevante fazer, neste caso, por exemplo, perceber no Parlamento o que é que fazem os 80 e tal deputados que são eleitos pelo Norte, desde Aveiro a Valença, que é neste momento a nossa área de influência”.⁶

Paralelamente, e com o intuito de fazer coincidir o processo de expansão do canal com o aperfeiçoamento das técnicas utilizadas, o Porto Canal passa a contar

^{5,6} Entrevistas à Chefe de Redacção e Director de Informação, transcritas em anexo, respectivamente págs. 94,90.

com uma nova tecnologia que veio revolucionar a transmissão televisiva em directo. Foi a primeira estação de televisão nacional a utilizar o *LiveU*, um sistema que não obriga a ligação via satélite para difundir sinal áudio e vídeo. O equipamento cabe numa pequena mochila, permitindo maior mobilidade à equipa de reportagem. Este equipamento coloca o Porto Canal na vanguarda da tecnologia televisiva, permitindo informação mais rápida, mais próxima e mais real.

Recentemente, o canal apostou em mais duas delegações: Aveiro e São João da Madeira, em funcionamento desde Fevereiro e Março de 2013, respectivamente.

No que respeita às delegações, praticamente todas as zonas de cobertura do canal surgem de contractos com os municípios das Comunidades Intermunicipais, e os actuais acordos, pela lógica do canal, são todos estabelecidos com as respectivas Comunidades Intermunicipais da região Norte. A última expansão, por exemplo, que resultou na abertura da delegação de Aveiro deve-se precisamente ao recém-acordo estabelecido com a CIRA – Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro. Por via destes acordos, o canal consegue condições que permitem o destacamento de uma equipa – geralmente um jornalista e um repórter de imagem – de forma permanente, para o local acordado entre as partes, onde é definida uma “sede da delegação”. Na prática, os jornalistas são “correspondentes” do Porto Canal. Embora as condições possam variar de acordo para acordo, normalmente este tipo de protocolos implica uma cobertura mensal obrigatória de determinado número de eventos nos vários municípios da Comunidade (cujo limite é acordado previamente entre as partes). O canal compromete-se, assim, a cobrir os eventos estipulados pelos municípios abrangidos no protocolo, mas garante um financiamento e um local “sede” para a delegação.

Se é certo que essa relação de “acordos pré-definidos” pode fazer suscitar dúvidas quanto à isenção das informações transmitidas, é também verdade que são uma estratégia para o canal conseguir expandir a sua área de cobertura sem grande

investimento financeiro, até porque, como sublinha o Director de Informação, o Porto Canal é um canal de televisão *lowcost*⁷. Por outro lado, ter a possibilidade de manter equipas destacadas nestas delegações, permite ao canal enriquecer alguns dos programas diários, como são exemplo o “Territórios”, que acaba por ser praticamente “alimentado” por estas peças produzidas nas diversas delegações.

No entanto, o trabalho desenvolvido nas delegações não se limita a essa cobertura de teor mais cultural; ou seja, com o estabelecimento destes protocolos, o canal encontra uma oportunidade de ter à disposição em cada um destes locais, uma equipa para a cobertura informativa que servirá os telejornais diários. No fundo, através deste sistema, o canal ganha também na diversidade informativa.

Actualmente, o canal conta, no seu todo, com cerca de 90 profissionais, entre a sede e as delegações, e tende a aproxima-se cada vez mais da estrutura dos canais generalistas portugueses de sinal aberto – RTP, SIC, TVI. Tem procurado ir ao encontro dos gostos e preferências dos mais diversos grupos etários e sociais, através mesmo da programação escolhida e neste momento aposta em programas dos mais diversos registos, apesar de não descurar o teor regional. Eis alguns exemplos:

- ◆ Desporto: Flash Porto, Grandes Adeptos, (ainda que, neste caso, a programação esteja limitada ao Futebol Club do Porto)
- ◆ Actualidade/Debate: Conselhos e Negócios, Parlamento da Região, Pólo Norte
- ◆ Saúde/Ciência: Consultório, Mentas que Brilham
- ◆ *Talkshow*: À Conversa com Ricardo Couto
- ◆ Cultura/História: Caminhos da História, Territórios, Pontos Cardeais
- ◆ Gastronomia/Culinária: Clube de Cozinheiros, Momentos Imperdíveis
- ◆ Grande Reportagem: Testemunho Directo

⁷ Entrevista a Domingos de Andrade, Director de Informação, transcrita em anexo, pág.82.

- ◆ Entretenimento: Grandes Manhãs, 1ª Classe, Porto *Alive*, Grandes Conversas, Estação de Serviço
- ◆ Cinema: Cinema Batalha
- ◆ Informação: Jornal das 13, Jornal Diário, Último Jornal, Grande Entrevista
- ◆ Séries: Major Alvega

Apesar de ter evidentemente recursos mais escassos do que os canais RTP, SIC e TVI, o Porto Canal tem conseguido conquistar o seu público e audiências, sendo visível o esforço em oferecer aquilo que os públicos tendencialmente procuram. A visível ambição de expandir o projecto não tem descurado a preocupação da proximidade com o Norte. Uma opção que a Coordenadora Ana Rita Basto confirma: “(...) nós não podemos deixar de dar o que os outros dão, mas temos é que dar coisas diferentes do que os outros dão, e esse é o nosso desafio, é as pessoas olharem para o nosso telejornal e perceberem que está lá a informação importante do dia, mas que demos mais alguma coisa que os outros não deram porque não chegaram lá, porque não têm equipas tão próximas desses locais.”⁸

Está fortemente vincada uma intenção de contribuir para a descentralização da produção informativa que, pelo menos no caso televisivo, como se sabe é maioritariamente proveniente de Lisboa.

A verdade é que essa preocupação tem impacto directo no público, perceptível aquando das reportagens em rua. O Porto Canal é reconhecido pela maioria da população da região Norte, e testemunhado diariamente pelos jornalistas no terreno. Alexandra Martins, repórter na redacção há 5 anos, garante que “muitas pessoas conhecem o Porto Canal, muitas pessoas já ‘picam’ ao longo do dia no Porto canal para ver as notícias da região, e não só, as notícias a nível nacional”, e garante que tem esse feedback “todos os dias, não só com as pessoas que entrevisto, mas também colegas e amigos que me vão dizendo, que falam de programas, que comentam. E isso é resultado do nosso trabalho e do nosso esforço.”⁹

^{8,9} Entrevistas transcritas em anexo, respectivamente nas págs.88,77.

Da mesma forma, a jornalista Vânia Moura considera “(...) evidente que há uma linha de crescimento, principalmente nos últimos meses, e que se revela nas audiências. Hoje, nós vamos para a rua e já ouvimos dizer 'nós vimos esta peça, e gostamos muito daquele programa', e isso é muito importante porque há um feedback. Até pelo *site*, que revela que tem havido um crescente aumento de visualizações das peças.”¹⁰

O próprio slogan do canal, “O Norte começa aqui”, é revelador do empenho em destacar a região, e é muitas vezes utilizado pelos próprios *Pivots* de informação como deixa final de noticiário.

“Do Porto e do Norte para todo o país”, é assim que é definida a produção informativa do Canal, cuja filosofia assenta precisamente no facto de ser o único produzido e emitido no seu todo, fora de Lisboa, e que privilegia os acontecimentos na região Norte.

Importa sublinhar que essa intenção de apostar no jornalismo de proximidade, com vínculo à região Norte do país (e mesmo sendo o canal, segundo a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, considerado de âmbito nacional) foi confirmada desde início, e reafirmada nas diversas entrevistas que foram sendo realizadas acerca do projecto Porto Canal. Em Setembro de 2009, por exemplo, aquando do 3º aniversário do canal, em entrevista dada à *Agência Lusa*¹¹, o então Director de Informação, Juan Figueroa, reforça precisamente essa ideia:

“Com um programa de informação diário de cerca de uma hora, o responsável considera estar a criar a ‘oportunidade para mostrar o que se passa no Porto e à sua volta’, dando a conhecer a opinião sobre os principais acontecimentos do dia de ‘pessoas de valor e de referência’ da cidade. (...) Somos claramente regionalistas, defendemos a região como um espaço, uma necessidade e queremos ser o grande factor de comunicação da região” (...) ‘Temos de valorizar o que nos identifica, esse é o nosso lema’, frisa. (...) A perspectiva de crescimento da empresa, segundo o responsável, é ‘de dentro para fora’, referindo que o Porto e Grande Porto foram ‘a primeira área de intervenção’, mas o objectivo é ‘crescer a todo o Norte’. (...)”

¹⁰ Entrevista transcrita em anexo, pág.75.

¹¹ <http://www.oje.pt/noticias/nacional/porto-canal-aposta-cada-vez-mais-na-informacao-de-proximidade-diz-juan-figueiroa>

Mais recentemente, em Janeiro de 2012, é o então Director de Informação, Domingos de Andrade, quem vem reafirmar a continuidade dessa intenção, também em entrevista à *Agência Lusa*¹², aquando da apresentação da nova grelha de programação:

“O Porto Canal apresenta a partir de segunda-feira uma nova grelha de programação que ‘aposta mais na região’ e cria ‘novos espaços’ direccionados para as reportagens, disse à Lusa o director de Informação e Programação, Domingos Andrade. Para além de um ‘grafismo refrescado’ o canal do Porto aposta agora em mais programas informativos com noticiários às 18h00, 19h00 e 20h00, para além de um espaço chamado Territórios a ser transmitido pelas 20h45 com notícias da região Norte. No âmbito generalista, a nova grelha conta com “quatro grandes programas para debater a região”, sempre transmitidos pelas 23h00, adianta Domingos Andrade. A segunda-feira é dia de Parlamento da Região com “deputados eleitos pelo Norte, desde Aveiro até Valença” que irão fazer o escrutínio da política nacional.”

A proximidade é algo que os jornalistas percebem e assimilam assim que integram o projecto Porto Canal. E por isso, há um esforço conjunto em seguir essa linha editorial. A prova é que, ao longo das entrevistas informais realizadas ao longo do estágio, não houve nenhum elemento da equipa que não referisse a proximidade como critério de informação no Canal:

“Proximidade é estarmos no sítio onde acontecem as coisas, não nos limitarmos a uma faixa litoral, Porto, Lisboa, Braga, Viana do Castelo, que são de facto capitais de distrito, mas chegarmos a Fafe, a Celorico, a Mondim, a Baião, a Amarante; chegar a esses sítios é jornalismo de proximidade, seja em Trás-os-Montes, seja no Minho, e acho que nós no Porto Canal fazemos isso.” (Ana Rita Basto – Coordenadora)¹³

“(…) o objectivo do canal é sobretudo dar uma visão daquilo que são as potencialidades da região, mostrando não só os problemas, mas o que o Porto e a região Norte tem de bom. E temos outros programas, sem ser a informação, que revelam esse sentir do norte”. (Vânia Moura - jornalista)¹⁴

¹² <http://www.publico.pt/media/noticia/porto-canal-com-nova-programacao-que-aposta-mais-na-regiao-1531253>

^{13, 14} Entrevistas transcritas em anexo, págs. 88 e 73.

“Nós queremos dar voz às pessoas, e isso nota-se também pelo tipo de programas que temos, e penso que as pessoas conseguem sentir que esse é o nosso objectivo e o nosso trabalho cá.” (Alexandra Martins)¹⁵

¹⁵ Entrevista transcrita em anexo, pág. 76.

Capítulo II – Jornalismo de Proximidade

2.1 – O conceito

Definir o que são meios de comunicação de proximidade não é tarefa fácil. O conceito de "proximidade" acarreta só por si algumas responsabilidades e levanta várias questões. Quando falamos de algo que é próximo, aceitamos como óbvio o estabelecimento de uma relação pré-existente entre ambas as partes envolvidas; Assim acontece com o jornalismo de proximidade. Quando falamos em “jornalismo de proximidade”, obviamente está implícita a ideia de que deve existir entre os conteúdos noticiosos, a matéria ou temática, e o público-alvo da informação produzida, uma estreita relação e partilha de interesses. O público deve familiarizar-se com a matéria desenvolvida, da mesma forma que a pertinência da notícia deve justificar-se exactamente pela importância que a notícia tem para a audiência para a qual é produzida.

Vejamos, por exemplo, a explicação apresentada por Moragas (cit in Coelho, 2000, p.154) acerca dos meios de comunicação social de proximidade:

“São todos os que se dirigem a uma comunidade humana de tamanho médio ou pequeno, delimitada territorialmente, com conteúdos relativos à sua experiência

quotidiana, às suas preocupações e aos seus problemas, ao seu património linguístico, artístico e cultural e à sua memória histórica.”

Pela natureza do conceito, o meio de comunicação social de proximidade é muitas vezes associado aos meios de comunicação sociais regionais ou locais, pois pressupõe-se que, de certa maneira, o jornalismo regional/local seja aquele que retrate a realidade dessas comunidades, trabalhando, portanto, a informação de proximidade.

O conceito de proximidade pode ser explorado, de facto, a partir de diferentes perspectivas, mas, quando se trata dos *media* locais e regionais, ele refere-se precisamente aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região.

Ora, aceitando como determinante o factor geográfico para designar os meios de comunicação de proximidade, existem ainda outros elementos que a caracterizam. Luísa Teresa Ribeiro (Ribeiro, 2006) considera, por exemplo, que a afinidade cultural e a comunhão de interesses são dois elementos cada vez mais importantes a conjugar ao factor geográfico. Essa associação parece fazer todo o sentido, pois actualmente, o “território” que determina e delimita o “campo de acção” neste tipo de jornalismo, deixou de ser meramente espacial; ele pode ser “de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação, familiaridades no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, religião), proximidade de interesses.” (Peruzzo, 2005, p.10) Também Carlos Camponez considera pertinente a existência de outros tipos de demarcação: nomeadamente a já referida proximidade geográfica, a proximidade social e a proximidade psico-afectiva. De acordo com o autor de “Jornalismo de Proximidade” (2002), “a proximidade pode ser geradora do que denominamos por comunidades de lugar. O conceito reporta-se a uma proximidade situada localmente, num espaço e num tempo territorialmente identificados”.

Assim sendo, “esta proximidade da comunidade de lugar, criada na partilha de valores e de um território é também geradora de formas comunicacionais características de que a imprensa regional é um exemplo” (Camponez, 2002).

Compete, de facto, a estes meios de comunicação social, um laço de proximidade entre as gentes, as tradições e a cultura do meio em que a informação é produzida; um carregar de sentidos no qual a comunidade está inserida, comunga e partilha; um espaço que lhes é familiar, com o qual se identificam, onde os acontecimentos noticiados lhes dizem directamente respeito e por isso há uma relação de identificação entre a comunidade e os acontecimentos, como o diz Peruzzo (2005):

“(…) um espaço vivido em que há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem por relacionamentos (económicos, políticos, vizinhança, etc.) e laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até a partilha dos costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas.” (Peruzzo, 2005, p. 69).

No seguimento desse raciocínio, os meios de comunicação de proximidade chegam a ser encarados como espaços alternativos de comunicação, pois essa proximidade que lhes está inerente, funciona como “instrumento de mediação, que num acto de cumplicidade com os destinatários, amplificam a discussão” (Coelho, 2005, p. 154).

Pode, assim, considerar-se o conceito de jornalismo de proximidade como uma das mais antigas noções associadas ao jornalismo, e que tem vindo ao longo dos tempos a sofrer algumas crises, continuando, no entanto, a funcionar como uma meta a ser alcançada: a de conseguir chegar o mais próximo possível do público.

Precisamente por essa característica que lhe permite chegar mais perto do público para o qual é produzida a informação, o jornalismo de proximidade é mais

facilmente associado ao jornalismo regional que, operando em meios de menor dimensão, e com uma zona de abrangência mais restrita, consegue mais facilmente alcançá-la. Se tivermos em consideração por exemplo a definição dos meios de comunicação regionais que consta do Estatuto da Imprensa, facilmente verificamos as semelhanças:

“(...) que se destinem predominantemente às respectivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redactorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes (...)”

No que concerne por exemplo às rádios regionais e locais em Portugal, existem casos (e arrisco até dizer que na grande maioria dos casos) a selecção de determinado conteúdo noticioso, ou a decisão de fazer ou não a cobertura de determinado evento, se prende precisamente com a distância a que o acontecimento está do território de emissão dessa rádio, e com o alcance ao qual a antena tem a capacidade de emitir. Pesa obviamente na balança, o facto de se tratar de um acontecimento numa localidade onde a emissão via rádio já não chega. Essa forma de trabalho não é nova, pois todo o jornalismo em geral se guia obviamente pela questão do “valor-notícia”. Ou seja, o critério mantém-se, mas é de certa forma adaptado, ou readaptado neste tipo de comunicação. Pode dizer-se que o campo de acção é mais limitado, mais reduzido.

2.2 - Pacto Comunicacional

Segundo Moragas (cit in Coelho, 2005, p.154), “entre os meios social de proximidade e os destinatários há um conjunto de experiências compartilhadas, e isso surge reflectido nos conteúdos impressos ou emitidos”.

Também Carlos Camponez (2002) realça a importância da existência desse compromisso e destaca que é nele que “se frutifica ou fracassa, se diversifica ou homogeneiza a comunicação”.

Este compromisso de que se fala, implica obviamente um interesse e empenhamento por ambas as partes envolvidas no processo – de um lado o órgão de comunicação social em questão, e por outro, os habitantes dessa comunidade. Torna-se, por isso, essencial, que os órgãos de comunicação social se esforcem por conquistar e manter este laço de proximidade entre as gentes, as tradições e a cultura do meio em que a informação é produzida. E essa “conquista” passa pela oferta informativa do canal e obviamente pelo contacto directo com a comunidade sobre os temas e problemas que os afectem directamente. Por outro lado, de o canal abrir as portas para essa “montra” cultural dos diversos meios, sejam eles aldeias, vilas ou cidades.

Aliás, segundo Raimundo (*in* Camponez, 2002, p.117), a lei da proximidade em jornalismo surge precisamente da “preocupação de conquistar as boas graças do público, através da criação de invisíveis cadeias de cumplicidade.”

Sem este empenho, em primeiro lugar, do órgão de comunicação social, o projecto de proximidade fracassa.

2.3 - O papel e a importância do Jornalismo de Proximidade

Num mundo que prima cada vez mais pela globalização económica e das comunicações, onde se reforçam as grandes redes multinacionais, do lado oposto parecem reforçar-se cada vez mais os particularismos e as relações de proximidade.

O desenvolvimento da globalização fez pensar no fim da comunicação local, mas acaba por acontecer exactamente o contrário: a sua revalorização, emergência e

consolidação em diferentes contextos e de diferentes formas.

“À medida que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças recoloca-se e há um imenso processo de construção de identidades.” (Santos, 2002, p. 55).

Falar da importância do jornalismo de proximidade, implica falar naquilo que ele permite e promove enquanto agente activo e estimulador no seio de uma comunidade, seja ela de menor ou maior dimensão. São várias as “funções” ou “missões” que o jornalismo de proximidade, quando praticado dentro dos parâmetros que lhe estão subjacentes – o da aliança e compromisso com a comunidade pelo desenvolvimento da região – pode adquirir no âmbito da comunidade onde se insere.

O primeiro aspecto passível de assinalar precisamente na sequência da dicotomia “global/local”, é a importância destes projectos para a expansão e reforço de uma identidade de “resistência” num espaço global caótico e desregrado, como assinala Cristina Rebelo (Rebelo, 2011, p.317). Trata-se, aqui, de identidade regional; e como defende Pedro Coelho, "a identidade regional é o motor da região". (Coelho, 2005, p.153)

E porque a região representa sobretudo uma relação entre pessoas, um espaço de identificação e de construção social, “as regiões com forte grau de identidade esforçam-se por preservar e reforçar o conjunto de elementos que as distingue das demais (...)” (Coelho, 2005, p.153) Digamos que existe, em torno deste processo, um envolvente espírito semelhante ao “bairrismo”. Retirando à expressão todo o sentido pejorativo a que por vezes surge associada, a verdade é que os "bairristas" tendem a enaltecer e a defender fortemente o seu "território". Fazem-no com orgulho e dedicação. Da mesma forma que, transpondo a situação para o âmbito do jornalismo, quando uma região possui um forte grau de identidade, esforça-se por demarcar as suas características das demais regiões, e “para tal, exige a criação de

meios de comunicação social próprios" (Coelho, 2005, p.153), pois estes permitem e facilitam "a criação de um quadro de referências, descortinado pela identidade local que se transforma no mostruário local (ou regional) amplificando a sua visibilidade e propiciando a sua abertura ao exterior." (Rebello, 2011, p. 317)

É essencial que uma comunidade saiba que tem a seu dispor um serviço que lhe dá voz, que expõe as suas dificuldades, que realça as suas mais-valias (quer económicas, quer culturais, quer gastronómicas). Directa e indirectamente, fortalece um povo. Mathien (in Camponez, 2003, p. 122) defende que, por exemplo a imprensa regional, se funda "no facto de se dirigir ao indivíduo, enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes, etc.". São, assim, e ainda segundo o autor, funções da imprensa regional: servir de elo da comunidade a que se dirige, constituir-se como complemento à experiência quotidiana dos seus leitores, completando-a através da informação disponível, quer sobre a realidade mais próxima, quer sobre os acontecimentos mais distantes, funcionar como enciclopédia dos conhecimentos vulgarizados, a partir do qual o leitor adquire e alarga a sua cultura acerca dos conhecimentos mais diversos, e desempenhar ainda uma função de recreio e psicoterapia social. "Trata-se, no fundo, do direito a uma comunicação com a função de, em primeiro lugar, conservar a tradição, e em segundo lugar, de criá-la: de permitir uma identidade aos indivíduos e às culturas na sociedade de massa, seguindo o princípio de que não faz sentido pensar comunidades locais sem comunicação e sem informação local". (Camponez, 2002, p.150) Afinal, a comunicação social, com o poder mobilizador que lhe está associado, pode alcançar esses objectivos de forma mais rigorosa e eficaz do que qualquer outro.

Pode considerar-se, portanto, que os meios de comunicação social regionais/locais, e por conseguinte, de proximidade, são, ou devem ser, encarados como um instrumento de mediação com vista à discussão de determinadas questões ou problemáticas, e que, num acto de cumplicidade com os destinatários, amplificam a discussão. É função deste jornalismo de proximidade: a denúncia, com conhecimento de causa, dos problemas que afectam a comunidade mas também preocupar-se em perceber de que lado estão as possíveis soluções, envolver-se no esforço colectivo de promover o debate e a discussão racionais com vista à procura de soluções para esses problemas. E essa “missão” permite-nos considerar, tal como refere Pedro Coelho (2005), que existe uma função social dos *media* passível de ser associada ao jornalismo de proximidade/regional e local. Isto porque, tal como refere o autor, os meios de comunicação social de âmbito nacional percorrem actualmente outras etapas, nas quais se revela mais importante a “notícia como mercadoria”, e em que os conteúdos se rendem á lógica das audiências. Assim, os meios de comunicação social de proximidade, pelo pacto de cumplicidade que mantêm com a comunidade, que permite a ambos os pólos elegerem o próximo como elemento de debate, discussão e pensamento, parecem mais próximos de alcançar essa missão.

Os meios de comunicação social de proximidade podem, por conseguinte, ser considerados meios facilitadores de cidadania, uma vez que, ao tratar de temas directamente relacionados com o público, permitem que a população participe do desenvolvimento local, nomeadamente permite-lhe reclamar dos direitos políticos e administrativos, ao mesmo tempo fiscalizando o poder público. Ao contrário dos *media* de grande circulação, o papel destes “micro-*media*” é tornar público as decisões, as reivindicações e os factos locais e regionais. “É essencial que os meios informativos desempenhem o papel de árbitro e intermediário honesto, ao servirem

de veículo para o debate público” (Kovach e Rosentiel, 2004, p. 139), e é através desse vínculo de proximidade com as populações para quem desempenham o seu papel, que estes *media* ganham vantagem.

É possível, assim, afirmar, que o jornalista assume, ou deveria assumir, nestes casos, o papel de “jornalista-assistente do cidadão”, como classifica Jacques Saint-Criq (cit in Camponez, 2002); e a informação, por seu lado, “ocupa o lugar imprescindível enquanto elemento no processo de tomada de decisão e enquanto instrumento essencial da democracia.” (Camponez, 2002, p.151)

Cristina Santos reforça igualmente essa ideia, quando se refere ao papel que desempenha uma televisão de carácter regional: “Um factor de tensão das forças regionais, um catalisador e até instrumento poderoso de comunicação, a televisão regional apresenta-se, com grande valimento, como um eficaz agente para o desenvolvimento da região e nesta perspectiva levanta novos desafios e ensejos que se acredita deverem ser aproveitados e manobrados num contexto de vontade colectiva e que, no interesse da região, funciona como protagonista da sua mobilização.”. (Santos, 2002, p.129) A autora considera, aliás, que a importância destes projectos assenta sobretudo em três conceitos basilares: comunicação, identidade e desenvolvimento. A identidade, como já foi referida, funciona como processo activo de expressão e significação de práticas concretas e simbólicas que as comunidades locais e regionais activam para garantir a sua própria existência, reforçar a sua coesão e enfrentar as incertezas do futuro; Ganha valor como instrumento do próprio desenvolvimento. Da mesma forma, a dualidade gerada pelo regional/nacional, permite a erupção dos valores ligados à comunicação de proximidade. A comunicação é a base que torna possível essa interacção entre os diversos actores sociais. A autora vai mais longe quando questiona:

“Como pode uma comunidade expressar-se, se não existe um meio de comunicação social que divulgue com frequência, oportunidade e relevância questões e problemas relativos ao seu espaço? Como pode uma comunidade evidenciar as suas emergências, as suas aspirações à afirmação e projecção, quando as instituições falham e o sistema não lhe dá voz, se não se cria um meio de comunicação social realmente capacitado em aglutinar os seus objectivos e interesses e que chegue em efectivo, a todos os cidadãos da mesma em termos de qualidade, entendimento e empatia?” (Rebello, 2011, p.316)

Tal como reforça Pedro Coelho, “só a comunicação permite a sobrevivência e progressão de uma região” (Coelho, 2005, p. 153).

O nível de importância que os meios de comunicação de proximidade adquiriram, valeu-lhes já, segundo alguns autores¹⁶, o apelido de “comunicação alternativa”, uma vez que, tendencialmente, procuram um caminho diferente, têm a capacidade de exercer o espírito crítico das populações, favorecendo a sua capacidade de representar o mundo, e funcionam como instrumento de projecção e desenvolvimento. “Os meios de comunicação social de proximidade podem ser encarados como lugares alternativos de comunicação, onde em tese, se poderiam refugiar todos os que acreditam no pensamento e na razão e que elegem a discussão e o debate como instrumentos essenciais para se chegar ao consenso” (Coelho, 2005, p.154)

Tom Rosentiel (2004) relembra-nos aliás, que os primeiros jornalistas, “ao combinar a procura de vozes negligenciadas e de vigarices ocultas, estabeleceram firmemente, como princípio basilar, a sua responsabilidade de examinar os recantos menos conhecidos da sociedade.” (Kovach e Rosentiel, 2004, p.116) Nestas palavras encontro a explicação que me parece perfeita para aquilo que, na teoria deverá corresponder ao papel dos meios de comunicação social de proximidade.

¹⁶São exemplos: CAMPONEZ, Carlos, *Jornalismo de Proximidade*. Coimbra: Minerva, 2002; COELHO, Pedro, *A TV de Proximidade e os novos desafios do espaço público*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

2.4 - A Televisão de Proximidade

Apesar do papel que a internet ocupa no seio da sociedade actual, a televisão parece continuar a ser, de forma geral, o meio de comunicação mais influente e poderoso, consequência, porventura, de ser o mais “consumido”. A pequena caixa que mudou o mundo é um importante elemento na vida quotidiana dos portugueses, e vários estudos¹⁷ apontam que este continua a ser o veículo mais utilizado pela maioria da população para actualização da informação diária, através dos telejornais.

No que respeita ao surgimento dos projectos de televisão regional em Portugal, podemos considerar que estes são relativamente recentes, em contraste com outros países, onde o trajecto de televisões locais é bastante mais longo. Rui Cádima¹⁸ refere o exemplo da vizinha Espanha, onde as comunidades sempre tiveram as suas televisões locais. Em Portugal, os sucessivos Governos sempre reprimiram os possíveis projectos, nunca permitindo por lei, que fossem criados, argumentando razões no âmbito da falta de espectro. E mesmo desde então, Portugal tem tendência a encarar este tipo de projectos como uma espécie de luxo, que só se justifica após estarem resolvidos todos os restantes problemas estruturantes dessa comunidade, ou no caso, da região. E este pareça ser um argumento facilmente utilizado para adiar os processos de criação destas televisões, e que contribuiu para que o seu efectivo arranque fosse, de facto, já tardio.

O início dos anos 80, do século XX foram, para Portugal, marcantes no desabrochar dos projectos de televisão regional. Foi nesta década que nasceram vários canais pirata em várias cidades do país, embora envoltos em grandes fragilidades a vários níveis. Por esse motivo, os primeiros canais a serem considerados como “regionais” foram mesmo a RTP Açores e RTP Madeira.

¹⁷ Dados da Obercom: “Públicos de *Media* em Portugal, Working Report”, Janeiro de 2007 e do Anuário da Comunicação 2010/2011.

¹⁸ Cádima, Rui, *Web TV Local/Regional em Portugal: que alternativa à TV?*, Anuário Lusófono 2008, p.100

Mais tarde surge o Canal de Notícias de Lisboa (CNL) – que acabou por ser adquirido pela SIC - e a Norte TV (NTV).

A criação de Movimentos como o “Movimento para a Legalização das Televisões Regionais”, e a “Comissão de Reflexão para o Futuro da Televisão”, em 1995, foram elementos essenciais para a discussão das questões de sustentabilidade e viabilidade deste tipo de projectos. Mas é apenas em 2007, com a aprovação da Lei da Televisão, que surge pela primeira vez a regulamentação para as televisões regionais.

Com o surgimento da televisão por cabo, que em Portugal aconteceu apenas em 1994, surge também a oportunidade de criação de canais temáticos, destinados a nichos de mercado. Desta forma, ficaram também legitimados projectos de jornalismo de proximidade. Dá-se, aliás o primeiro passo para que determinados projectos ganhassem corpo, como é o caso do Porto Canal – dar conta da informação da região do grande Porto.

Segundo Pedro Coelho (Coelho, 2005, p. 204), “a televisão de proximidade, enquanto elo de ligação entre os elementos de determinada comunidade, enquanto mostra dessa comunidade para dentro e para fora das suas fronteiras, enquanto instrumento de fortalecimento da identidade, enquanto potenciador da actividade económica local, enquanto palco da discussão e debate dos problemas que afectam o território, tendo em vista encontrar soluções que potenciem o seu desenvolvimento, pode ser um dos motores de progresso.”

2.5 – A noção de Região e a Identidade Regional

O conceito de região tem sido utilizado constantemente ao longo deste trabalho, tal como é utilizado múltiplas vezes, diariamente, em variados contextos e por

diversas pessoas. Parece-me, portanto, de extrema importância depositar nele alguma atenção, ou não fosse afinal este trabalho focado num canal que se afirma “da Região Norte”.

Muito embora já aqui tenha sido defendida a ideia de que uma região se apresenta como muito mais do que um mero espaço físico, representando essencialmente uma relação entre pessoas, um espaço de partilha e de identificação, julgo que é importante, neste ponto, percebermos de que falamos quando nos referimos a uma região. E mais concretamente, o que se entende por “Região” em Portugal?

A esse respeito, parece-me oportuno tocar alguns aspectos a este conceito associados, nomeadamente referir o processo de Regionalização em Portugal.

A Regionalização de Portugal Continental é um projecto que se vem arrastando ao longo dos anos, e que, apesar de apresentar contornos bem definidos pela lei portuguesa, não teve efectiva continuidade até hoje. No fundo, aquilo que se pretende com este projecto é um conjunto de operações de descentralização, o que possibilita o desenvolvimento mais harmonioso de outros territórios e das populações que nele habitam. A sua importância para esse desenvolvimento mais equilibrado do país parece no entanto, não ser questionada, pois nenhuma revisão constitucional a retirou ainda da lei fundamental do país até aos dias de hoje. Várias propostas foram até à actualidade apresentadas à Assembleia da República, mas a verdade é que nenhuma delas se concretizou realmente.

Pode considerar-se que o processo de regionalização arrancou com a Constituição da República Portuguesa criada após a revolução do 25 de Abril de 1974. Em 1976 a regionalização administrativa passa a estar consagrada na Constituição Portuguesa.

Em 1991 foi aprovada a lei das regiões administrativas nº 56/91, mas nunca foi regulamentada, a não ser pela lei de criação das regiões administrativas em

1998 (lei nº19/98 de 28 de Abril) que propunha a criação de 8 regiões: Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Interior, Estremadura e Ribatejo, Lisboa e Setúbal, Alentejo e Algarve.

Esta organização viria a sofrer novas alterações anos mais tarde, e actualmente estão em debate duas propostas de morfologias diferentes: a de cinco e a de sete regiões. A primeira propõe a divisão: Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Por sua vez, a segunda propõe: Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Interior, Estremadura e Ribatejo, Alentejo e Algarve.

Na base deste movimento parece estar precisamente a aspiração a uma democracia plena, que se vê facilitada pela regionalização. Assim, as vantagens do processo de Regionalização passam pela descentralização, que implica que várias decisões públicas que são actualmente tomadas pela Administração Central, passem a ser tomadas por órgãos eleitos pelas populações dessas mesmas regiões. Desta forma, promove-se o envolvimento e participação dos cidadãos na tomada de decisões e resolução de problemas da sua própria região, permitindo assim, uma democracia participativa.

No entanto, questões ligadas ao tipo de região administrativa a criar, a sua natureza jurídica, quais as funções que lhe devem ser atribuídas, que área, que fronteiras, quais as características económicas sociais e administrativas, são algumas das questões que têm contribuído para o continuado “impasse” na efectivação do projecto. Situação que provavelmente continuará a arrastar-se, pois tendo em conta a actual conjuntura económico-financeira em que o país se vê envolto, esta questão, embora continue a ser algumas vezes discutida, não parece considerar-se, neste momento, uma prioridade para o Governo.

Ainda assim, e embora formalmente o processo de Regionalização Continental não esteja totalmente consagrado, pode considerar-se que o processo de reorganização territorial tem vindo a implementar-se gradualmente e a “divisão” em regiões acontece permanentemente, como referência necessária e importante para a localização geográfica de qualquer aspecto do quotidiano. Se assim não o fosse aliás, não seria possível falar em jornalismo regional.

A verdade é que Portugal, embora um país de pequena dimensão, possui zonas do país com forte sentimento regionalista, e várias marcas ou elementos que permitem, de certa forma, identificar essas diferentes zonas. Refiro-me, por exemplo, aos diferentes sotaques que encontramos de Norte a Sul de Portugal Continental (embora o mesmo se verifique também nas ilhas). Esse pequeno factor, embora possa parecer insignificante, reflecte uma espécie de “imagem de marca” de um território com uma determinada história, e que no seu conjunto, constituem a sua identidade. Como defende Pedro Coelho (2005):

“Uma identidade é sempre construída pela história, pela memória colectiva, pela tradição, pela geografia, pela religião. Havendo coerência e uma certa continuidade na aquisição dessa matéria-prima, forma-se essa identidade comum aos sujeitos que a construíram. Depois de construí-la, é preciso mantê-la e renová-la.” (COELHO, p. 135)

E é precisamente neste último aspecto que julgo que reside, também, a importância dos órgãos de comunicação social de proximidade, como instrumento com forte capacidade de promoção das características desses territórios, trabalhando para o seu destaque e valorização. E a televisão, em particular, pela taxa de penetração que tem junto das populações, assume-se como um ainda mais eficiente meio de alcance dessa missão.

2.6 - O Espaço Público de Proximidade

Muito se tem escrito ao longo dos anos acerca do “espaço público”. O conceito tem vindo a sofrer diversas transformações não só ao nível da própria definição, mas também ao nível das funções ou missões que lhe são geralmente atribuíveis. Louis Quéré (cit in Lopes, 2008) por exemplo, propõe que o conceito seja pensado sob três funções distintas: a discussão, colocação em cena e acessibilidade. A primeira corresponde, assim, ao “lugar de uma livre circulação de informações ou de ideias, ou de um livre confronto de opiniões, conduzindo à formação da vontade geral”; a colocação em cena, por sua vez, corresponde ao “lugar de aparição no qual as pessoas e as respectivas acções são expostas à vista de todos”; por último, a acessibilidade diz respeito ao “lugar que integra o que é de interesse geral, sem exclusão de temas ou de pessoas”. (Lopes, 2008, p. 76) Segundo Jurgen Habermas, o espaço público designa o lugar de formação de opiniões e vontade pública; deve corresponder ao lugar de debate, onde são discutidas questões práticas, sociais e políticas, e por esse motivo, faz todo o sentido associá-lo aos meios de comunicação social.

No seu trabalho sobre o jornalismo regional e cidadania, Juliana Ribeiro considera que “a participação do público se dá no momento da reflexão e do debate sobre os problemas locais. Ao ler, por exemplo, uma matéria abordando a necessidade de se construir uma biblioteca e um teatro público, o cidadão colocará em questão o direito de a comunidade ter acesso a livros e peças teatrais. (...) O objectivo, para Correia (Correia, 1998) é superar a massificação e a virtualização resultantes do ‘gigantismo introduzido pela transformação da noção de espaço’, buscando relacionar as questões que dizem respeito à cidade ou à região com a própria vida cotidiana. A identidade regional necessita de “mecanismos de produção simbólica que contemplem o reforço do sentimento de pertença”. (Ribeiro, 2005,

p.54) O mesmo autor, João Carlos Correia (cit in Ribeiro, 2005), defende mesmo que a região acaba por se impor como um valor-notícia que se impõe nos critérios de elaboração das notícias, de selecção dos fatos e na inspiração dos editoriais: “ Nesse sentido há um universo de preocupações que têm a sua vivência discursiva no campo dos *media* regionais e que só ganha consistência para o comum dos cidadãos nessas publicações.” (Ribeiro, 2005, p.55)

É assim possível considerar, que o espaço público deve corresponder a um processo de debate público sobre assuntos de interesse geral, mas com respeito aos cidadãos que sobre cada temática estão envolvidos.

Os meios de comunicação social regionais ou locais chegam, por vezes, a ser os únicos a que as populações mais pequenas dedicam a sua atenção, até porque sabem que de alguma forma, neles encontram a informação que directamente lhes diz respeito; como já foi referido, ou porque foi notícia a mercearia da vizinha, ou porque a Junta de Freguesia da localidade inaugurou uma nova obra. A proximidade característica deste jornalismo, permite e é assim, um facilitador de cidadania nestes padrões.

Ainda assim, e embora pareçam evidentes e inquestionáveis as vantagens do jornalismo de proximidade para a participação pública e conseqüente sucesso do real espaço público, essa mesma proximidade pode ser aqui encarada como o que na gíria denominamos de “faca de dois gumes”. Isto porque, quando falamos dessa proximidade, não podemos descurar a que existe, evidentemente, em alguns casos, entre os jornalistas ou membros da equipa, e as entidades e poderes locais instituídos. Tal como Pedro Coelho (Coelho, 2005, p.167) deixa claro, “o desafio do jornalismo de proximidade, enquadrado por esse pacto de proximidade, é exactamente o de sobreviver às tentações que essa proximidade suscita”, pois “estar próximo e ser cúmplice com o desenvolvimento da região não tem, necessariamente, de impedir o jornalista de abster-se do rigor que molda a sua profissão.” Por isso mesmo, e tal

como o autor defende, “ao jornalista deve ser garantido um grau de independência que lhe permita questionar as elites que representam o poder local quando estas têm de ser questionadas, abrindo espaço à tensão e ao conflito, ouvindo os detentores que contrariam esse ‘consenso imposto pelo topo de forma totalitária.’” (Coelho, 2005, p.168)

A linha é por vezes, ténue, e a responsabilidade é, por consequência, acrescida. O jornalista tem aqui que ser capaz de encontrar o limite dessa proximidade.

2.7 – Os critérios de noticiabilidade no contexto regional e de proximidade

Quando falamos em critérios de noticiabilidade num meio de comunicação regional, certamente sabemos que o critério primordial é obviamente o da proximidade. Mais uma vez, por isso, se liga mais facilmente o conceito de jornalismo de proximidade ao jornalismo regional.

Mauro Wolf (2006) defende que a noticiabilidade representa precisamente um “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número previsível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.” (Wolf, 2006, p.190) Por esse motivo, pode defender-se que acabam por criar-se rotinas de produção noticiosa nas redacções, e que surge uma espécie de automatismo que os jornalistas gradualmente vão incorporando e adquirindo. Assim o defende, também, Alfredo Vizeu: “Na rotina do trabalho acabamos adquirindo o chamado ‘senso comum das redacções’, o chamado ‘instinto jornalístico’, o ‘faro jornalístico’ (...).” (Vizeu, 2000, p.89) Ora, os meios de comunicação social regionais, pela tendência em seguir os mecanismos adoptados pelos *media* de maiores dimensões, também aos poucos, me parece que vão adquirindo este hábito;

uma lógica de produção noticiosa de forma quase mecanizada, designada de “*newsmaking*”.

Os critérios de selecção e organização da informação, também conhecidos como “valores-notícia”, são elementos que existem desde que existe o jornalismo, sendo factores presentes na prática jornalística em geral, quer seja ele de âmbito nacional, quer seja de âmbito regional. E embora cada redacção possa optar por métodos de selecção diferentes, existem uma série de critérios que parecem constantes na prática jornalística: factores como a proximidade geográfica ou mental dos acontecimentos; o facto de serem acontecimentos estranhos ou inesperados, o facto de representarem novidades em determinado fenómeno contínuo. Em “Jornalismo Televisivo” (1998), Jean Jacques Jaspers apresenta ainda outros critérios que foram observados e registados pelos sociólogos Galtung e Rouge no seu estudo sobre informações internacionais, tais como a amplitude dos acontecimentos, a sua gravidade (normalmente pelo número de vítimas), a sua simplicidade (quanto mais fácil de explicar, mais interessante é para os jornalistas), a consonância dos acontecimentos com as expectativas do público, o sistema de valores da sociedade onde a informação é transmitida, e a composição do conjunto dos *media* (duração e formato de um jornal televisivo, espaço redaccional, e formato de um jornal diário). De forma geral, poderemos afirmar que todos os factores mencionados se poderão aplicar da mesma forma ao jornalismo regional, muito embora o “campo de acção” seja, claro está, mais reduzido. No entanto, existem alguns aspectos que sublinho com especial atenção para a discussão/aplicação ao jornalismo regional e local, quer seja por se tratar de aspectos mais óbvios, quer seja por irem de encontro ao que este jornalismo deve trabalhar. Em primeiro lugar, a questão da proximidade do acontecimento com o público a que se destina, como já tem vindo a ser referido neste trabalho, é o factor primordial para a selecção e hierarquização da informação nestes veículos. O sistema de valores da sociedade onde a informação é produzida é outro factor que me parece

interessante nesta discussão, uma vez que falamos de informação produzida para um público específico, com determinadas características e particularidades culturais. Por último, a questão da duração e formato dos jornais televisivos, um dos aspectos que continua a diferenciá-los dos canais generalistas nacionais existentes; isto porque, geralmente o tempo de duração dos jornais televisivos regionais é inferior. Por outro lado, quase sempre as reportagens apresentadas nos canais regionais têm uma duração superior ao “normal” (ao que é apresentado nos canais generalistas nacionais). Talvez, neste caso, pelo facto de, nos jornais regionais a pressão para preencher a grelha do telejornal não seja tão forte, o que permite uma maior liberdade aos jornalistas, e por outro lado, permite também, por vezes, uma informação mais detalhada dos acontecimentos.

Vários outros autores apresentaram, ao longo da história do jornalismo, um ou vários conjuntos de critérios que consideram ser adoptados ou até inconscientemente assimilados pelos jornalistas nas diferentes redacções. Martin Lagardette (*in Santos*, p.46) considera, por exemplo, que há três elementos imperativos no processo de selecção e hierarquização das notícias: “(...) actualidade, interesse do leitor e linha editorial da publicação – que são coadjuvados pela lei da proximidade, resultante de várias orientações nomeadamente a geográfica, temporal e psicológica, que não podem ser esquecidas pelo jornalista que não menospreza a concorrência.”

No que respeita às notícias nacionais e internacionais, cabe a cada órgão de comunicação social regional decidir que relevância lhes atribuir. No entanto, todos eles têm obrigatoriamente que guardar destaque para conteúdos noticiosos mais próximos da região e da população. De certa forma, estes meios de comunicação social estão “limitados” a trabalhar, preferencialmente, os assuntos e problemáticas da região onde se inserem, devendo esta completar a maioria da sua grelha informativa. Assim o diz, por exemplo, o próprio Estatuto da Imprensa Regional,

quando refere que no conjunto das suas funções, a imprensa regional deve: “Promover a informação respeitante às diversas regiões, como parte integrante da informação nacional, nas suas múltiplas facetas; (...) Favorecer uma visão da problemática regional, integrada no todo nacional e internacional.” (art 2º, decreto de Lei nº106/88)

Mas se muitos órgãos de comunicação social de âmbito regional optam por trabalhar apenas a informação dita “regional”, actualmente verificamos que alguns deles começam a integrar nas suas publicações notícias de temáticas nacionais. Opção que não me parece desapropriada nem tão pouco uma quebra com a sua missão ou função. Ao expandirem uma pequena parte do seu conteúdo noticioso às temáticas de teor nacional, estes *media* conseguem, de certa forma, fornecer aos seus leitores uma informação mais heterogénea, e no fundo, oferecer-lhes a possibilidade de se actualizarem sobre os principais destaques nacionais, e em simultâneo, aceder à informação que lhes é mais próxima – as notícias regionais. Uma opção que pode encarar-se como enriquecimento de conteúdo, tornando o veículo de comunicação mais completo.

Ainda no contexto da selecção das informações de âmbito nacional, existe um método de trabalho comumente adoptado por estes veículos regionais que apresenta vantagens quanto à própria compreensão de algumas questões mais complexas, nomeadamente associadas à política e à economia. Refiro-me à abordagem que é dada a determinados assuntos, adaptando-os, de certa forma, ao “terreno” regional. Recordo facilmente alguns desses exemplos: o caso da adopção de determinadas medidas propostas pelo Governo que afectem as autarquias ou eventualmente as empresas de forma geral; o que nestes casos é comum encontrar nos meios de comunicação social regionais é o tratamento desta notícia através de exemplos específicos da região: ou procurar o parecer da Câmara Municipal da

localidade ou da cidade em questão, ou ir ao encontro da opinião do director de uma ou mais empresas da região sobre os efeitos directos dessa medida, são alguns dos exemplos. Recentemente, aquando da discussão da Reorganização Administrativa do Território das Freguesias, foi frequente encontrar este tipo de abordagem noticiosa, em que a temática foi muitas vezes tratada indo ao encontro das próprias freguesias e entrevistando Presidentes de Junta e da própria população, e se procurava perceber as principais preocupações e desvantagens da aplicação desta medida para cada local em concreto.

Este tipo de tratamento noticioso “adaptado”, como lhe podemos chamar, parece-me, em certa medida, um facilitador de entendimento para os próprios cidadãos. Sobretudo se pensamos em regiões mais isoladas do interior, em que, quer seja pelo índice de população mais envelhecida, ou por índices mais baixos de literacia e escolaridade, a interpretação de determinada notícia nomeadamente relacionada com política ou economia pode tornar-se de difícil compreensão. Através destes exemplos, não só o público poderá prestar-lhe mais atenção pelo facto de envolver como exemplo uma empresa ou entidade que lhes está próxima, como a informação se torna mais simplificada, e por esse motivo, mais facilmente absorvida e sobretudo interpretada. Factores que podem, a meu ver, fornecer uma maior eficácia ao jornalismo regional e local.

2.8 – As Tendências

“Caminhamos cada vez mais para um universo em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão (...)”, diz Pierre Bourdieu. (Bourdieu, 2005, p.15) A constatação deste facto atribui à “caixa mágica” uma responsabilidade que fica

muitas vezes fora do alcance tanto dos jornalistas como do próprio público. Ao longo dos anos, várias são as técnicas que têm vindo a ser adoptadas pelas redacções televisivas, e muitas delas contribuíram para que se fossem criando, ao longo do tempo, tendências que afectam o modo de produção da informação mas mais do que isso, afectam a forma como a informação é recebida e absorvida pelos cidadãos que dela se “alimentam”.

Quando falamos em projectos de televisão regional ou local, no caso português acabamos por encontrar basicamente projectos via Web, que no entanto têm emergido com alguma abundância, e que de certa forma, se têm esforçado por alcançar novas metas e criar o seu lugar de destaque. Embora de forma geral estes projectos se apresentem como pouco consistentes a nível de recursos (quer materiais, mas também muitas vezes humanos), a vontade de os fazer vingar parece persistir. Existem, no entanto alguns aspectos, quase sempre transversais a todos eles, que contribuem de certa forma, para o seu “não-desenvolvimento” e consequente crescimento. O primeiro desses grandes factores é a indiscutível questão de sustentabilidade financeira. E por consequência, surgem as restantes, que fragilizam estes pequenos órgãos de comunicação social.

Já foi referido neste trabalho o facto de estes veículos serem grande parte das vezes encarados como uma forma de jornalismo “artesanal”, e essa caracterização em muito se deve precisamente a essas debilidades e problemas de sustentabilidade. A falta de recursos obriga a que, de certa forma, estes meios de comunicação social encontrem formas de trabalhar mesmo dentro dessas limitações, o que acaba quase sempre por prejudicar os resultados de produção. Isabel Pascoal, no seu estudo sobre os jornalistas da imprensa regional¹⁹, defende precisamente que “o melhor perfil que se pode traçar sobre os jornalistas da imprensa regional é ter em

¹⁹ Pascoal, Isabel, O jornalismo regional e os condicionalismos ao exercício da profissão (2008), III Congresso Português de Sociologia. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4926a435d94a4_1.pdf

conta as condições em que trabalham e a permanente dificuldade em afirmarem a sua autonomia e a sua liberdade de expressão.”

Perante a escassez de equipamento e de profissionais, vão-se criando algumas tendências que comprometem a credibilidade do próprio meio, e o interesse do público.

É frequente encontrar, por exemplo, uma cobertura noticiosa que na sua maioria só inclui eventos culturais ou eventos previamente anunciados pelos famosos *press-releases*. A cobertura noticiosa acaba por retractar, nada mais nada menos, do que a revista cultural da região. E aí surge um primeiro e grave perigo: a delimitação daquilo que é informação daquilo que é propaganda. Muitas das vezes penso que nem o próprio jornalista consegue já construir essa barreira que distingue os dois. Causas como a comodidade da própria redacção - que já se habituou e conformou, da mesma forma que habituou as pessoas a fazer este tipo de cobertura - ou falta de matéria para noticiar - factor também muito comum - ou mesmo o “dever”, por se tratar de um evento associado a qualquer entidade ou instituição com vínculo ao órgão de comunicação social em questão, estão quase sempre na base da construção dessa grelha informativa desfragmentada. Este último factor, de quase “obrigador de consciência”, continua, infelizmente, a justificar muitos dos casos.

Não obstante à importância de relatar os eventos culturais das diferentes regiões, que como já foi referido, permite promover os valores e características culturais das mesmas, o problema é um pouco mais complexo, pois um telejornal diário que englobe praticamente na totalidade este tipo de acontecimento, acaba por não possuir “riqueza informacional”, se assim lhe podemos chamar. Não oferece variedade, e por outro lado, ganha monotonia, transformando um noticiário num programa meramente cultural.

A verdade é que a maioria dos órgãos de comunicação social regionais e locais existentes em Portugal se alimenta dessa informação pré-fabricada que lhes chega diariamente através dos *press-releases*, e “cozinhadas” pelos assessores de comunicação. Um documento desse género acaba por funcionar como uma ferramenta de ouro para uma redacção que está habituada a sobreviver com o básico a nível de equipamentos e de profissionais. Ao receberem o *press-release*, onde consta toda a informação pré-fabricada e detalhada do acontecimento (desde os objectivos, a organização, entidades envolvidas, datas, horas, e até contactos telefónicos para entrevistas!), os jornalistas vêm muito do seu trabalho facilitado.

Outro problema associado a esta prática recorrente nas “micro-redacções” é o risco de não aprofundamento de questões mais complexas, e de limitar a cobertura de um acontecimento àquilo que os interessados nesse acontecimento pretendem que se divulgue. Ou seja, com a informação que já é fornecida pelos *press-releases*, o jornalista vê praticamente todas as suas questões respondidas, não percebendo, em alguns casos, que a estratégia utilizada por esses “instrumentos” não passa disso mesmo, de mera estratégia posta em prática para que, no fundo, o jornalista sinta que não há necessidade de colocar mais questões e de aprofundar com seriedade pontos “extra”.

O não aprofundamento das questões/problemáticas, elemento fulcral no jornalismo, parece assim, ficar condenado.

Capítulo III – O caso do Porto Canal

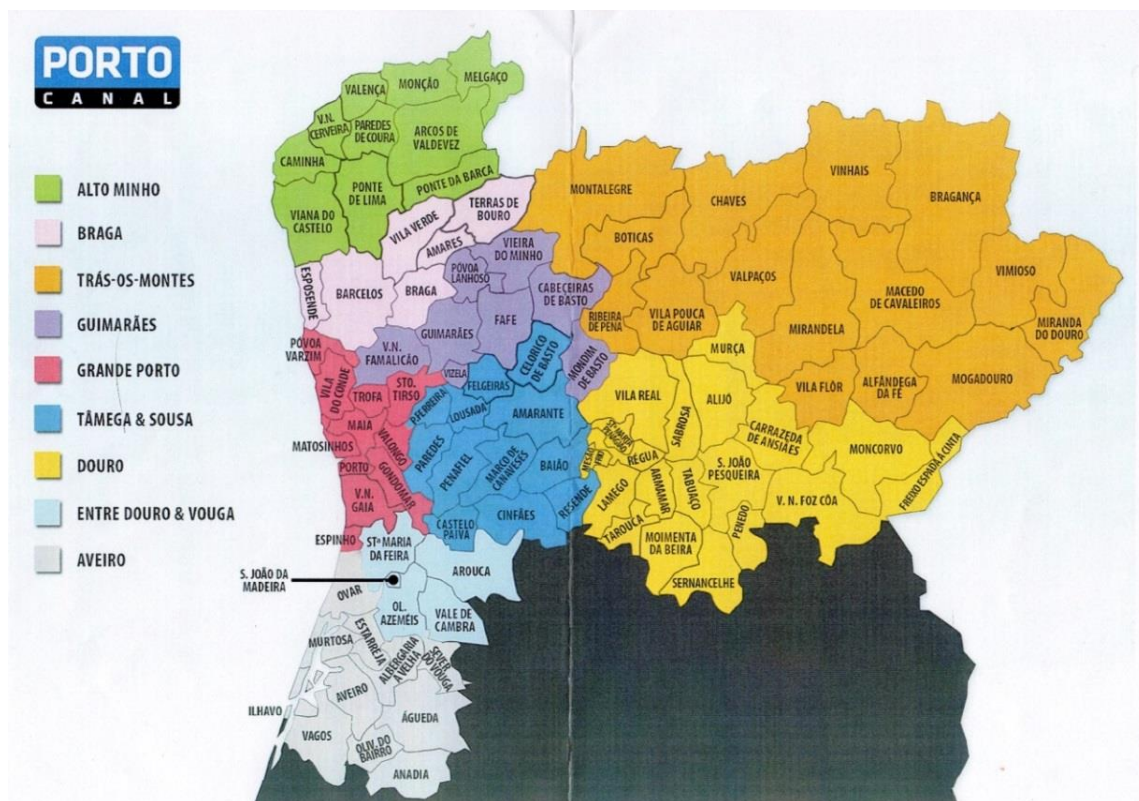
3.1 – A Metodologia de trabalho do canal e o pacto de proximidade

3.1.1 – O Mapa de cobertura noticiosa

Sobre cada uma das secretárias de trabalho da Produção existe um mapa (imagem 1) afixado que distingue por cores as diferentes Comunidades Intermunicipais que o canal cobre, o que define, no fundo, os limites do território até onde faz ou não sentido para o canal enviar equipa para cobrir determinado acontecimento. Por outro lado, esta ferramenta é um excelente auxiliar para os elementos da produção conseguirem definir, quando recebem informação sobre determinado acontecimento, para que equipa – se delegação ou sede - deve ser reencaminhado e atribuído o trabalho de reportagem.

Assim sendo, e analisando o referido mapa, verifica-se que continuam a constar como focos de referência as cidades da Região Norte do país. Apenas Lisboa foge, neste momento, a esse cenário.

É perceptível que os objectivos definidos para a cobertura noticiosa dessa delegação não são os mesmos praticados nas restantes delegações do canal – nomeadamente no que foi anteriormente referido relativamente a eventos culturais ou protocolados.



(imagem 1)

3.1.2 A Redacção

A redacção do Porto Canal (Sede) é composta por 21 jornalistas e alguns estagiários (em média dois ou três em simultâneo, que vão alternando horários ao longo do dia), uma Chefe de redacção, uma Chefe de Produção, quatro elementos da produção (que contam com o reforço de estagiários, também normalmente em média três de cada vez)

As instalações da Redacção contam com duas salas, amplas, onde, no andar superior (1) fica instalada a produção (de informação), e no andar inferior (2), os jornalistas,



(imagem 2)

com o respectivo equipamento de edição (imagem 2).

Pode considerar-se que, tendo em conta o número de funcionários e de fluxo de trabalho, os recursos materiais têm conseguido, na maioria das vezes satisfazer as



(imagem 3 – Estúdio do Porto Canal)

necessidades do canal. Ou seja, na maioria das vezes, existe um computador disponível para cada elemento da equipa no turno. No entanto, ainda não é suficiente para impedir determinados contratempos (por exemplo no caso de um dia em que o fluxo de informação a tratar seja superior).

O canal conta ainda com 4 coordenadores – simultaneamente *pivots* de informação – que vão alternando horários, sendo que existe também um espaço de trabalho para cada um deles (com respectiva secretária e equipamento informático).

À excepção dos computadores de edição, todos os outros têm acesso à internet.

As peças recebidas das delegações são enviadas via internet, através de diversas plataformas – *wetransfer*, ou por pasta de partilha *FTP* entre a sede e as respectivas delegações.

No Porto Canal, é comum que os estagiários sejam envolvidos desde logo no processo de produção da informação, e que saiam sozinhos em reportagem, dependendo do fluxo de trabalho e dos conhecimentos que possuam para poderem realizar um serviço. Geralmente, após o acompanhamento do trabalho dos jornalistas “séniores” da casa, os estagiários começam a surgir na agenda diária de distribuição dos serviços e portanto, a ter um papel permanente na produção de notícias do canal.

3.1.3 O Agendamento

Diz Teun Van Djink (cit in Camponez), que “é a proximidade que permite ao jornalismo perceber os contextos que determinam os valores-notícia e, a partir daí, organizar os restantes elementos valorativos, como a novidade, a actualidade, a relevância, consonância, o desvio e a negatividade.” (Camponez, 2002, p.117)

É a proximidade, de facto, que conduz grande parte das decisões de cobertura noticiosa do Porto Canal; seja ela uma proximidade geográfica (na maioria dos casos), sentimental, cultural ou “obrigacional” (refiro-me ao caso dos protocolos por exemplo, em que determinados acontecimentos têm de ser noticiados obrigatoriamente). O âmbito regional tem, obviamente, um peso decisivo naquilo que é noticiado, mas também, na própria posição no alinhamento. A Chefe de Redacção, Vanda Balieiro, admite mesmo que aquando da discussão dos alinhamentos diários, vêm “sempre o que é mais importante, o que vai mexer mais com a vida dos portugueses, e geralmente tentamos sempre que seja uma notícia do norte. Se o que marcar o dia for nacional, impõe-se, claro. Mas tentamos que as nossas aberturas sejam sempre com algo relativo ao norte”.²⁰ O mesmo é confirmado por uma das Coordenadoras²¹:

“Tentamos sempre no alinhamento, começar com coisas da região, que digam directamente respeito às pessoas. Muitas das vezes são casos de crime, desemprego, de falências de empresas, casos de agressões, casos que marcam a actualidade e que aconteçam no dia; Depois de começarmos com um bom bloco de temas fortes e nossos, geralmente tentamos ir depois ao nacional.”

Num momento de decisão entre dois assuntos para abrir um jornal, ambos com a mesma importância, mas um de carácter nacional e o outro de carácter regional, a prioridade é imediata para o regional. Porquê? Porque se os assuntos foram verdadeiramente importantes mas sobretudo iguais em termos de importância, é garantido que os canais nacionais vão abrir com o que é “nacional”, e aí entra o Porto Canal como alternativa relevando como prioritário o que é regional.

²⁰ Exemplos em anexo de 2 alinhamentos do canal: um caso em que o Telejornal abriu com um bloco de notícias do Norte; outro caso em que o Telejornal abriu com um bloco de notícias de âmbito nacional.

²¹ Entrevista à Coordenadora Ana Rita Bastos, transcrita em anexo, pág. 89.

A maioria da informação chega à redacção através de comunicados via *email*, e dos já referidos *press-releases* directamente enviados pelas entidades envolvidas nos acontecimentos - assessores de comunicação de empresas, entidades ou associações. Por vezes é comunicada telefonicamente graças a uma rede de contactos já estabelecidos com os elementos de equipa do canal. É frequente, por exemplo, o envio deste tipo de comunicados por parte de autarquias, freguesias, de forma regular.

Está também institucionalizada a prática de realização “rondas”, que na prática, implicam o contacto telefónico para várias instituições da região, que possam fornecer qualquer tipo de informação relevante, nomeadamente as corporações dos Bombeiros, os postos da GNR e PSP. Este tipo de “busca de informação” revela-se um elemento de extrema importância, já que a maioria das notícias “exclusivas”, ou “em primeira mão” do canal, se devem a estes contactos permanentes. Há, por isso, quase sempre disponível, uma equipa de “piquete”, preparada para a cobertura de qualquer eventualidade que surja.

Mas a selecção da informação passa também pelas agências noticiosas, neste caso, a Lusa, com que o canal tem protocolo estabelecido. Existe ainda uma permanente atenção a todos os *sites* dos restantes meios de comunicação social nacionais, com vista a acompanhar a actualidade informativa e é comum a permuta de informações ou conteúdos com restantes canais, em casos pontuais.

No seio de todas estas fontes, cabe à Chefe de Redacção, muitas vezes discutindo com o Director de Informação, decidir qual a relevância dos acontecimentos, se existe ou não possibilidade (recursos materiais e humanos) para enviar alguém ao local e que fontes contactar em cada caso.

Quando as notícias são, por exemplo, extraídas de outros órgãos de comunicação social, é habitual que se contactem fontes próximas ao acontecimento, ou quem pelo menos, devido ao seu estatuto, possa fornecer o seu parecer dentro do tema em

notícia. Recordo, por exemplo, o dia 17 de Abril, em que foi noticiado por vários órgãos da imprensa nacional o caso do médico do Hospital de Braga que acumulava a direcção de sete especialidades diferentes²²; ora, tendo em conta que se tratava do Hospital de Braga, o primeiro de todos os elementos de selecção estava encontrado – a proximidade geográfica. Foi por isso, opção do canal, contactar o Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos para abordar o assunto. Se podemos falar, aliás, em fontes permanentes, esta é, seguramente uma delas.

O Porto Canal sabe muito bem aproveitar os casos que tem “a seu favor”. Um bom exemplo disso foi o destaque dado ao caso das torres do bairro do Aleixo. Tendo em conta que se tratava de um acontecimento de extrema importância para a cidade do Porto, o canal dedicou-lhes a máxima atenção e esforçou-se por conseguir ser o que melhor transmitiu todo o processo, abordando os diferentes pontos de vista da questão. O assunto foi sempre acompanhado de perto desde o momento em que foi anunciado pela Câmara do Porto que se avançaria para a demolição da torre 4 (depois da demolição da 1ª torre ter acontecido a 16 de Dezembro de 2011). Entre as declarações do Presidente do Município, Rui Rio, todas as opiniões de entidades relevantes para o panorama político e social sobre a temática eram mantidas na mira da equipa de informação do canal. Foram frequentes as idas ao local para recolher depoimentos junto da população do bairro e conhecer a situação e a opinião daqueles que iriam directamente ser afectados pelo desaparecimento de mais uma torre. Da mesma forma, foi acompanhado de perto o processo de preparação da demolição, junto das entidades envolvidas no processo técnico. Na semana em que ocorreu a demolição, diariamente o tema foi motivo de peças nos jornais diários do canal. Para o dia da demolição, foram seleccionadas três equipas para estarem no local – três jornalistas, três operadores de câmara e elementos da produção -, a efectuar vários directos ao longo da manhã; alguns deles durante o

²²http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/medico_dirige_sete_especialidades_no_hospital_de_braga.html ; <http://www.publico.pt/portugal/jornal/medico-acumula-direccao-de-sete-especialidades-no-hospital-de-braga-26393526>

programa de entretenimento das manhãs – “Grandes Manhãs” – e as restantes durante o jornal das 13 horas, que iniciou precisamente com a notícia e as imagens da demolição. Da mesma forma que o momento da demolição foi transmitido em directo pelo canal, às 11h:14m da manhã. Arriscaria dizer que o Porto Canal foi o órgão de comunicação social que mais e melhor acompanhou este acontecimento, sobretudo comparando com os restantes canais televisivos.

Também um outro caso revela a particular dedicação e interesse nas temáticas regionais para o canal: o caso político da candidatura de Luís Filipe Menezes à Câmara Municipal do Porto e da consequente questão da limitação de mandatos. Embora fosse conhecido anteriormente um caso semelhante – de Francisco Seara, a Lisboa – foi Luís Filipe Menezes que mereceu as atenções do canal. Uma situação que se reflecte na permanente “perseguição” ao autarca; ou seja, qualquer evento, acontecimento que contasse com a presença de Luís Filipe Menezes era motivo de saída de equipa de reportagem para o local, na tentativa de conseguir extrair qualquer nova reacção sobre o assunto. Uma tendência que não é, claro, nem nova nem exclusiva do Porto Canal, mas é, de facto, na política, que mais se regista esta constante preocupação, quase em jeito “obsessivo”. Por diversas vezes tive oportunidade de constatar que há peças que não chegam a ser feitas porque não se conseguiu extrair do entrevistado a informação desejada, frequentemente em casos de actualidade política. Em outros casos, a peça chega eventualmente a ser feita, mas será inserida num outro programa, de registo diferente, que não o telejornal. Constata-se, portanto, que a filtragem da informação política é bastante rigorosa.

3.1.4 A oferta informativa

O Porto Canal transmite diariamente três blocos informativos: Jornal das 13, Jornal Diário (às 20 horas) e Último Jornal (à meia noite) – e reforça a informação, ao longo do dia, com sínteses – que acontecem, respectivamente, durante o programa de entretenimento da Manhã, e da parte da tarde, de hora a hora, das 16 horas até às 20 horas. Os noticiários têm em média a duração de uma hora, e as sínteses cerca de 5 minutos, onde se dão a conhecer as notícias que estão a marcar o dia, e se descortina um pouco do que poderá ser visto nos referidos jornais diários.

Quase todos os blocos informativos contam diariamente com a participação de um ou mais convidados/comentadores sobre temas previamente seleccionados. Algumas vezes por semana é ainda incluída nestes espaços informativos uma “Grande História”, ou seja, uma reportagem especial sobre determinado tema, que tem em média cinco minutos de duração e permite explorar melhor um acontecimento/história/situação.

Restam ainda acrescentar dois programas de registo informativo a que o canal dá um considerável destaque: o “Territórios” e o “Testemunho Directo”, sendo este último dedicado às médias/longas reportagens, transmitidas uma vez por semana, e muitas vezes explorando mais profundamente o conceito de jornalismo de investigação. Já o programa “Territórios”, transmitido de segunda a sábado, em directo, apresenta em cerca de vinte minutos, quatro a cinco peças de teor mais regional, pois é aqui que são inseridas grande parte das peças produzidas nas várias delegações do canal. Tal como o nome indica, o programa é dedicado a todo o território da zona norte e aqui o canal encontra a oportunidade ideal para construir o retrato da região nos locais mais isolados, que contribuem assim, para a proximidade.

Desta forma, acentua-se ainda mais a diferença na informação que é apresentada no Porto Canal da que é apresentada por exemplo nos canais generalistas nacionais. E são factores como esse que vão construindo a diferença, como o sublinha a jornalista Alexandra Martins, ao afirmar que “o facto de o Porto Canal estar onde está é precisamente por ser diferente e por fazer notícias que os outros não fazem, por falar com pessoas que os outros não falam, por querer ouvir a opinião de cada um. Acho que é essa diferença que faz com que consigamos crescer, porque as pessoas em cada notam isso, notam que nós somos diferentes.”²³

Aos sábados, em substituição do jornal das 13 horas, o Porto Canal aposta numa “Revista da Semana”, onde são apresentados e recordados os assuntos e os temas mais relevantes que foram noticiados ao longo dessa semana. Geralmente, o programa conta com cerca de uma hora de duração.

No que à oferta informativa diz respeito, pode considerar-se que as opções de programação do Porto Canal, aliadas ao enfoque da informação dos Telejornais, conseguem servir como montra da comunidade, para dentro e fora das suas fronteiras, (tal como Pedro Coelho considera que deverá ser o método de trabalho das televisões de proximidade); afinal, o canal esforça-se por inserir na oferta de programação um pouco do panorama regional a que consegue ter acesso (pelas delegações que tem disponíveis), produzindo a informação do Norte para todo o país. Como diz o próprio Director de Informação, “levaremos sempre a região ao país, e o país à região”.²⁴

Nesse ponto, ocorre-me também referir o programa “Grande Entrevista”, - apresentado pelo director de informação Domingos de Andrade, e em que o principal pilar assenta na discussão de alguns temas que estejam em efusão no círculo regional, ou que pelo menos, tenham repercussões a esse nível. A alguns meses das eleições autárquicas 2013, o canal optou, por exemplo, por trazer semanalmente ao

^{23,24} Entrevistas transcritas em anexo, respectivamente, nas págs. 84 e 88.

programa os candidatos à Câmara Municipal do Porto dos diversos partidos políticos. Este rol de entrevistas começou precisamente por Luís Filipe Menezes, que trazia consigo há vários meses ancorada a polémica da limitação de mandatos. Desta forma, o Porto Canal permite aos telespectadores, e em especial aos da região Norte, a quem muito diz respeito esta eleição, ter a possibilidade de conhecer os pontos de vista daqueles que são candidatos a reger as suas vidas localmente nos próximos anos. Esta opção revela, mais uma vez, o interesse na proximidade, e em colocar em cima da mesa temas e questões que dizem directamente respeito ao quotidiano do público a quem se destinam.

3.1.5 Os Telejornais do Porto Canal

Os Telejornais são um importante elemento em qualquer canal televisivo, detendo um peso considerável nas grelhas de programação dos diferentes canais generalistas.

No Porto Canal, os três espaços de informação diários, com duração média de uma hora, têm sido uma forte aposta da Direcção. A informação tem vindo a ser encarada como o elemento estruturador do canal; uma intenção constatada já no ano de 2009, aquando do 3º aniversário do canal. Com Juan Figueroa como Director de Informação na época, vários meios de comunicação noticiam o interesse do canal no jornalismo de proximidade.

Jornal de Notícias, 18/09/2009:

“Uma das grandes apostas do novo director-geral da televisão metropolitana por cabo Porto Canal é a "informação de proximidade" traduzida na duplicação do tempo de antena do Telediário, que irá para o ar de segunda a sexta-feira. ‘A informação é a nossa âncora e é a partir daqui que temos de crescer’, salientou Juan Figueroa. Em entrevista à Agência Lusa, a propósito do terceiro aniversário da estação e da nova grelha que arranca este fim-de-semana, o director-geral do canal, considerou que há na região ‘uma deficiência de apetite’ de saber o que acontece no espaço que rodeia as pessoas.”²⁵

Com a entrada de Júlio Magalhães para a direcção do canal, em 2012, essa intenção volta a reafirmar-se e a ser notícia:

“Nesta nova etapa, haverá uma “grande aposta” nos jornais informativos diários, com ênfase para os comentários, os debates e as grandes reportagens.”²⁶

Ambicionando o Porto Canal oferecer um trabalho e uma informação diferente, e procurando chegar o mais próximo do seu público, é no telejornal que essa aposta mais se assume. E os resultados revelam que actualmente são precisamente os espaços de informação que, a par do desporto (FCP) são a âncora do canal, como sublinha Domingos de Andrade: “Os espaços informativos e do FCP já têm muitos espectadores fidelizados, e até já liderámos no cabo, com os espaços informativos (...) os telejornais – que têm uma média de audiência de 20 ou 30 mil pessoas - dão uma variável entre os 0.9% e os 1.1% de audiência.”²⁷

3.1. O Tratamento da Informação

No seu manual “Sobre a Televisão”, Pierre Bourdieu caracteriza de “circulação circular da informação” aquilo que considera quase um processo de “reciclagem da

²⁵ http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=1365816

²⁶ <http://www.briefing.pt/media/18736-porto-canal-renovado-julio-magalhaes-volta-a-informacao.html>

²⁷ Entrevista ao Director de Informação, Domingos de Andrade, transcrita em anexo na pág.90.

informação”, e que pode ser constatada na reprodução dos mesmos assuntos e temas em vários órgãos de comunicação social. Diz Bourdieu: "para fazer o programa do jornal televisivo do meio-dia, preciso de ter visto os títulos do das vinte horas da véspera e os diários da manhã, e para fazer os meus títulos do jornal da tarde preciso de ter lido os jornais da manhã" (Bourdieu, 2005, p. 19). Isso é, de facto, uma realidade. Tudo se deve aos mecanismos utilizados nas redacções, em que há uma constante tendência para noticiar os acontecimentos que já foram noticiados por outros órgãos de comunicação social. O Porto Canal não foge à regra no que respeita a este mecanismo. Na redacção, o dia começa precisamente pela leitura atenta das principais notícias do dia, principalmente as publicadas pela imprensa nacional (*Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Diário Económico, Correio da Manhã, Jornal de Negócios*). Assim, é muitas vezes desta forma que surgem algumas das notícias que o canal desenvolve ao longo do dia. A tendência de noticiar porque o outro também noticiou é comum, mas nem sempre o motivo é esse. Se, por exemplo, o *Jornal de Notícias* teve acesso a uma determinada informação que lhe permitiu avançar com a notícia em primeira mão, e sobretudo se disser respeito ao Norte, o Porto Canal vai recuperá-la. Há, no entanto, casos em que existe uma espécie de sentimento de obrigação por parte do canal, nomeadamente no que respeita a notícias da região Norte. É raro o canal não “agarrar” uma notícia que seja noticiada por outro órgão de comunicação social relativamente à região, o que por vezes implica a utilização até das mesmas fontes. Recordo, a este respeito, o caso do Lar de idosos ilegal da Maia (que havia sido já noticiado pela TVI, no âmbito de uma grande reportagem da jornalista Alexandra Borges, “Órfãos de Idade”) e que voltou a ser notícia, desta vez no *Jornal de Notícias*, no dia 15 de Abril²⁸. Foi esta publicação que motivou a realização da reportagem por parte do Porto Canal.

²⁸http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Maia&Option=Interior&content_id=3166054

Existem também casos em que, ainda que as temáticas das notícias sejam de âmbito nacional, são noticiadas pelo Porto Canal com uma contextualização à região Norte. Uma decisão que não se prende só com a facilidade em conseguir o contacto com intervenientes do Norte, mas também nessa aposta na aproximação e enquadramento das questões o mais possível ao ponto de vista da região. A este respeito, tomo como exemplo uma reportagem que eu própria tive oportunidade de realizar, acerca do turismo e das Férias de Páscoa. Tendo em conta um estudo que tinha sido apresentado na mesma semana pelo Instituto Português do Turismo, sobre a intenção dos portugueses em fazer férias no período da Páscoa²⁹ (e que revelava precisamente que 7 em cada 10 portugueses não tencionavam fazer férias de Páscoa este ano 2013), e uma vez que o canal tinha decidido dar destaque ao tema, dadas as circunstâncias económico-financeiras que o país atravessa, foi decidido criar um Dossier (que envolve mais do que uma peça sobre determinado tema), sobre o assunto. Assim, o Porto Canal optou por fazer um balanço deste cenário de férias, partindo do exemplo da região Norte. Para isso, foi contactado o Presidente da Entidade do Turismo da Região Norte para nos dar o seu parecer, e foram feitas mais duas peças para integrar o Dossier sobre o tema, em duas das delegações do canal, cujo objectivo era ter exemplos concretos de hotéis dessas cidades e perceber a taxa de ocupação. O resultado: apesar do estudo, no Norte a conclusão foi que, ainda assim, havia unidades hoteleiras de quase lotação esgotada, e apenas os números de uma Pousada da Juventude contrariaram esses resultados. Da mesma forma, contactada uma das maiores agências de viagens portuguesa – Agência Abreu, do Porto – confirmou-se que não havia uma queda no número de reservas em relação a anos anteriores.

Com este tipo de opções editoriais, o canal consegue transmitir uma imagem mais exacta da realidade do Norte do país, que é no fundo a sua intenção base.

²⁹ http://www.ipdt.pt/ficheiros_upload/Resultados%20IntFeriasPascoa2013.pdf

Já que é no Norte que se localizam as suas delegações, e é do Norte que obtém dados mais fidedignos, a aposta é fazer esse retrato da região que lhe é mais próxima, e, como se constata, muitas vezes difere da do resto do país.

3.1.7 Os Dossiers de Informação

Os Dossiers partem de uma preocupação do Canal em conseguir aprofundar e enquadrar o melhor possível os temas. Praticamente todas as semanas, e algumas delas mais do que uma vez por semana, é comum serem criados estes Dossiers, cujo tema é previamente decidido, quase sempre de acordo com uma temática pertinente para essa semana. Como já foi referido anteriormente, assim aconteceu com o caso das reportagens relativas ao Turismo, e mais recentemente, por exemplo, com o caso dos exames dos alunos do 4º ano, em que se procurou construir um conjunto de peças que envolvesse todos os pontos de vista da questão: contextualização da introdução destes exames, opiniões de docentes, encarregados de educação e alunos. Aqui, nem sempre os temas dizem respeito necessariamente ao Norte, mas, tal como acontece nos restantes casos, há um esforço para que assim aconteça, e sobretudo, que sejam temas, que pela pertinência, afectem directamente o quotidiano e a vida das pessoas, seja de forma particular, ou de forma geral.

3.1.8 Reflexos do Reconhecimento do Canal

Recentemente, o programa “Caminhos da História”, apresentado por Joel Cleto, esteve entre os nomeados para o Prémio Melhor Programa de Entretenimento 2013,

na categoria televisão, da Sociedade Portuguesa de Autores, ao lado de “Super Diva – Ópera para todos”, da RTP2, e “Isto é Matemática”, da SIC Notícias.

“Caminhos da História” é um dos programas com mais prestígio do canal, muito elogiado pela crítica televisiva. Está ligado ao património e à história onde através das ruas, ruelas, monumentos, museus, igrejas, o historiador e apresentador Joel Cleto vai falando da origem da história e das estórias e mitos que a rodeiam. Com uma duração de 25 minutos, o programa é emitido às segundas-feiras à noite (22:00 horas), com repetição ao domingo às 18:30 horas.

A 16 de Dezembro de 2012, o Porto Canal realizou uma entrevista ao Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho. A entrevista conduzida pelo Director Geral do canal, Júlio Magalhães, pode ser encarada como um dos momentos de destaque da história do canal. Há, com este momento, um sinal claro do reconhecimento e credibilidade que o Porto Canal já adquiriu, que justifica a aceitação do Primeiro-Ministro em ser entrevistado pela estação. A imagem do Porto Canal como um canal regional, de menores dimensões, começa, assim, aos poucos, a diluir-se. É possível, no entanto, que para isso tenha também contribuído a imagem do então Director-Geral do Canal – Júlio Magalhães – que ainda assim veio trazer mais notoriedade ao canal, como o confirma a Chefe de Redacção do Porto Canal:

“É evidente que sim. (a entrada do Júlio Magalhães) permitiu abrir-nos outras portas, porque o Júlio Magalhães por si só é uma figura.”³⁰

De salientar ainda que, à época, foram igualmente convidados os restantes rostos e representantes partidários; recorde-se por exemplo Catarina Martins e Francisco Louçã (Bloco de Esquerda) ou Jerónimo de Sousa (PCP).

³⁰ Entrevista à Chefe de Redacção, Vanda Balieiro, transcrita em anexo na pág. 93.

Da mesma forma que, nos últimos meses, o canal tem recebido frequentemente diversos deputados parlamentares no canal, nomeadamente para grandes entrevistas ou debates. O Porto Canal começa a integrar o círculo de programas e debates de interesse público, e com níveis de audiência consideráveis. “Por dia nós temos meio milhão de pessoas a ‘picar’ o canal. Ao fim-de-semana já chegámos a atingir um milhão de espectadores. Estamos muito satisfeitos com esta evolução”, diz Domingos de Andrade.³¹

³¹ Entrevista ao Director de Informação, Domingos de Andrade, transcrita em anexo na pág. 87.

Conclusão

O Porto Canal assume-se como um canal de âmbito nacional, mas estão-lhe subjacentes inegavelmente critérios de proximidade que em muito se assemelham ao que na prática corresponde ao jornalismo regional. Existe uma constante e inegável preocupação em conseguir chegar próximo do público da região norte, fazendo-o através do permanente destaque e cobertura aos acontecimentos noticiosos que a esta região dizem respeito.

Muito embora seja visível o intuito de fazer progredir um canal que nasce da vontade de dar voz à região norte - mas fazê-la chegar a todo o país - o trabalho aqui desenvolvido é ainda muitas vezes rotulado como jornalismo regional. Não de uma forma pejorativa, à semelhança de muitos canais regionais débeis e de pequenas dimensões, mas sim pelo esforço que há em colocar no mapa da comunicação social portuguesa um canal de televisão que é totalmente produzido e emitido do norte, fazendo essencialmente cobertura dessa região, mostrando que há vida e muita actividade cultural, social e política no norte do país que merece um olhar mais atento, pormenorizado e sobretudo permanente, esforçando-se por oferecer uma informação diferente da que existe nos restantes canais de televisão em Portugal. É esse esforço de alcançar a proximidade junto dos públicos que o distingue. Um esforço que é incutido nos jornalistas e mesmo na própria equipa de produção, para que todos caminhem na mesma direcção.

“Muitas das vezes nós escolhemos dar mais enfoque às matérias regionais do que às nacionais, isso é que eu acho que é a mais-valia do canal; é ter essa visão do Porto para o resto do país, ao contrário dos outros canais generalistas, que é sobretudo o centralismo, a capital, o Governo”, diz a jornalista Vânia Moura.³² O mesmo confirma Alexandra Martins: “Nós queremos dar voz às pessoas, e isso nota-se também pelo tipo de programas que temos, e penso que as pessoas conseguem sentir que esse é o nosso objectivo e o nosso trabalho cá. (...) Os nossos líderes são as pessoas, sem dúvida nenhuma. É isso que nos incutem e sempre me incutiram

desde que cá estou há já 5 anos. (...) as pessoas é que valem aqui, porque sem elas nós não somos nada.”³³

Transportei anteriormente para este relatório o conceito de “bairrismo”, e é nos moldes em que foi apresentado que acredito poder considerar que os mesmos se aplicam ao caso do Porto Canal. Há permanentemente a ideia de utilizar o canal como mostruário da região Norte, e isso verifica-se pela escolha da própria programação do canal, nomeadamente de programas como o já referido “Territórios” “Conselhos e Negócios” ou o próprio “Parlamento da Região”. Por esse motivo, todos os factores neste relatório enunciados relativos ao jornalismo regional, nos seus padrões de utilidade para a progressão da região, aplicam-se de certo modo ao que é praticado no Porto Canal.

A metodologia de observação participante permitiu-me a envolvência necessária no processo produtivo da informação ao ponto de compreender e de me inteirar de muitos métodos e tendências do canal no que respeita à produção noticiosa. Pude verificar *in loco* o teor, o rigor, a preocupação em seguir esta linha editorial de âmago regional e de proximidade que marca o Porto Canal. Consegui perceber que essa proximidade, muito mais do que entendida, é partilhada e alimentada pelos próprios jornalistas, que diariamente estão no terreno, e que se esforçam por cimentar essa relação com as pessoas, e honrar o compromisso de poder facultar-lhes a informação a que, de outra forma, muitas vezes, não teriam acesso. Confessava-me a jornalista Alexandra Martins que, nalguns dias, mesmo após várias horas de trabalho, se surgir uma “notícia de última hora”, redobram-se os esforços e assegura-se a cobertura, para não falhar com o telespectador: “(...) trabalhamos muito, somos poucos, mas temos na cabeça que temos que fazer o nosso trabalho, e temos que dar as notícias às pessoas, e às vezes podemos até estar a trabalhar 8, 9, 10 horas, se acontece algo à última da hora, nós não pensamos duas vezes”. Subentende-se um espírito de compromisso e uma espécie de fidelidade para com o público e para com

^{32,33} Entrevista às jornalistas Vânia Moura e Alexandra Costa Martins, transcritas em anexo, págs. 79 e 77.

os critérios que estão na base e na origem do projecto Porto Canal, característicos de um jornalismo de proximidade de que falava no segundo capítulo deste relatório. Esta ideia é reforçada por outros depoimentos, reveladores do empenho em oferecer uma informação diferenciada, e que diga directamente respeito às pessoas:

“No Porto Canal é dada voz à região. Aqui existe a preocupação de "agradar" ao telespectador, ouvindo-o e reportando o seu caso por exemplo. Numa altura em que cada vez é mais acentuado o centralismo, penso que o Porto Canal tem conseguido fazer esse jornalismo de proximidade, esse jornalismo junto das populações”, considera o jornalista José Luís Bessa.³⁴ Visão semelhante tem a coordenadora Ana Rita Basto, ao afirmar que “proximidade é estarmos no sítio onde acontecem as coisas, não nos limitarmos a uma faixa litoral, Porto, Lisboa, Braga, Viana do Castelo, que são de facto capitais de distrito, mas chegarmos a Fafe, a Celorico, a Mondim, a Baião, a Amarante; chegar a esses sítios é jornalismo de proximidade, seja em Trás-os-Montes, seja no Minho, e acho que nós no Porto Canal fazemos isso.”³⁵ Para o coordenador Pedro Carvalho da Silva também não há dúvidas de que “no Porto Canal se pratica um jornalismo de proximidade e rigor, tentando transmitir a credibilidade necessária num canal que procura dar a informação obrigatória que os outros têm, mas indo mais além precisamente acrescentando as notícias mais ‘locais’ que nos canais nacionais são consideradas de ‘segundo plano’.”³⁶

Arrisco dizer que este compromisso é de tal forma abraçado pelos profissionais do Porto Canal, que é unânime a ideia de que o canal faz um trabalho diferente, e que apesar de ambicionar alcançar audiências ao nível de uma SIC ou TVI, o objectivo não é igualar o tipo de informação e de trabalho por eles desenvolvido, pois “o facto de o Porto Canal estar onde está prende-se precisamente com o facto de ser diferente e por fazer notícias que os outros não fazem; por falar com pessoas que os outros não falam, e por querer ouvir a opinião de cada um”, reitera a jornalista

^{34,35,36} Entrevistas transcritas em anexo, respectivamente nas págs 82, 92 e 95.

Alexandra Martins³⁷; “Canais generalistas já existem em excesso, não precisamos de mais nenhum canal generalista. Precisamos de um canal feito do norte e para o norte, de cariz maioritariamente regional, vocacionado para a região (...) é um nicho de mercado que falta preencher, e que nós de facto temos capacidade para preencher”, acrescenta também a jornalista Vânia Moura.³⁸

Há a intenção de não deixar esquecer e perder de vista os critérios e objectivos iniciais do canal – os da aposta na informação de proximidade, e em oferecer um trabalho e uma informação que os outros não dão e por isso quem integra o projecto tem a obrigação de ter esta consciência.

No entanto, se no que respeita aos critérios de alinhamento, de organização e métodos de trabalho parece não haver o intuito de aproximar o trabalho do Porto Canal ao dos canais generalistas de sinal aberto, por outro, considera-se que há a intenção de competir com esses mesmos canais, ainda que apresentando focos de informação diferentes. Por exemplo, para a coordenadora Ana Rita Basto, essa tentativa de competir por audiências ficou clara com a opção de colocar os telejornais no ar nos mesmo horários que os generalistas SIC, TVI e RTP: “(...) a partir do momento em que passámos o jornal das 21h00 para as 20h00 ficou claro que havia a intenção de competir com quem também está às 20h00, porque de facto, o telespectador passa a ter de fazer uma escolha, ou nos vê a nós ou vê os canais generalistas.”³⁹

É acima de tudo evidente o interesse em dar continuidade a este projecto e fazê-lo chegar a cada vez mais pessoas, locais, freguesias, concelhos e distritos que vão, aos poucos, alastrando no mapa de cobertura nacional do canal, e que se constata pela aposta na criação de novas delegações.

Evidentes são também as opções de programação – nomeadamente no que respeita ao programa “Parlamento da Região” ou “Concelhos e Negócios” –

^{37, 38, 39} Entrevistas em anexo, respectivamente nas págs 81,78, 94.

reveladoras da intenção do canal em colocar sobre a mesa as principais problemáticas que afectam a região norte, contribuir e estimular o debate público e ampliar a discussão destes temas, através de rostos e vozes da região. Pode considerar-se, nesse sentido, que a função social de que nos fala Pedro Coelho (Coelho 2005), referida no segundo capítulo deste relatório, é aspirada e de certa forma, concretizada com o trabalho desenvolvido no canal.

Em resumo, se na origem deste relatório ambicionava perceber até que ponto o Porto Canal, assumindo-se como canal de cariz regional, e à partida, trabalhando um jornalismo de proximidade, tem contribuído para o protagonismo e consequentemente, para o desenvolvimento da região Norte, é possível nesta fase, concluir que em certa medida essa “missão” tem sido conseguida. De facto, quer seja pelo envolvimento e contacto directo com o trabalho do canal que o método de observação participante me permitiu, quer mesmo pelo resultado das entrevistas aos diversos elementos da equipa, e até pela maior atenção que ao longo destes meses dediquei ao acompanhar os vários programas e informação do canal, é inegável essa constatação. Permanentemente são dadas a conhecer, quer seja através dos telejornais de informação, quer seja pelos diversos programas do canal, as empresas e principais entidades da região, contribuindo para a dinamização e promoção da região Norte. Como alguns dos elementos da equipa referem, o Porto Canal esforça-se por oferecer uma cobertura que não se limite apenas aos problemas, mas que se preocupe também em realçar o que de melhor acontece e a região tem de característico, próprio, único e que contribui, ou pelo menos deve contribuir, para o seu reconhecimento. Diz Alexandra Martins que “(...) não damos só notícias más, damos também notícias boas, e há pequenas notícias que às vezes depois até se tornam em grandes notícias, e que alguns meios não fazem questão de abordar”. Também a jornalista Vânia Moura considera que “(...) o objectivo do canal é sobretudo dar

uma visão daquilo que são as potencialidades da região (...) E temos outros programas, sem ser a informação, que revelam esse sentir do norte”.⁴⁰

Como referia no segundo capítulo deste relatório, “é essencial que os meios informativos desempenhem o papel de árbitro e intermediário honesto, ao servirem de veículo para o debate público” (Kovach e Rosentiel, 2004, p. 139). Este é um exemplo que os profissionais do Porto Canal tentam levar a cabo. Caso recente desse empenho são os vários debates em torno das medidas de austeridade. O canal debateu em diversos formatos de programação cada uma delas, à medida que eram implementadas. Recordo por exemplo o programa “Concelhos e Negócios” do dia 4 de Maio, em que foi discutido (entre deputados de diversos partidos políticos com assento parlamentar), a questão do IMI cobrado aos concessionários de praia, que havia sido motivo de polémica. Da mesma forma, no mesmo programa, do dia 10 de Abril se discutia a questão do investimento em tempo de crise, nomeadamente a segurança nos investimentos, ou, no dia 27 de Abril se debatiam os Negócios Termais. Servem ainda de exemplo as várias entrevistas especiais que têm vindo a ser realizadas pelo Director de Informação Domingos de Andrade, no programa semanal “Grande Entrevista”, com os vários candidatos às Câmaras Municipais do Norte nas eleições autárquicas de 2013. O programa “Pólo Norte” acaba por ilustrar essa discussão em torno da região. Semanalmente, um jornalista, dois comentadores residentes e um convidado olham para a metade superior de Portugal, num país onde precisamente o palco mediático parece concentrar-se na capital. E se no dia 15 de Março se debatia o comportamento do tecido económico no Norte perante a crise, no dia 10 de Maio debatia-se a questão da extinção das freguesias.

O espectador tem assim a oportunidade de ver analisadas e esmiuçadas pelos principais intervenientes dos vários temas polémicos, questões que lhes dizem respeito directamente, e sobre as quais podem sair prejudicados ou favorecidos. Há uma “concentração de

⁴⁰ Entrevistas transcritas em anexo, respectivamente nas págs. 79 e 77.

atenções” muito forte no que faz mexer a Região, e no que afecta directamente a vida das populações. Quando não há espaço para debater detalhadamente o caso específico da não realização da Feira do Livro 2013 no Porto, e de toda a polémica que a envolveu nos canais generalistas SIC ou TVI, no Porto Canal o espectador sabe que muito provavelmente encontrará esse tema em discussão. E é esse factor que tem vindo a conquistar, aos poucos, o público, e onde a Direcção aposta.

Contudo, apesar de parecer evidente o percurso positivo do Porto Canal no seio da comunicação social em Portugal, ainda são perceptíveis várias dificuldades que dificultam o quotidiano do trabalho do Canal; quer seja no que respeita à falta de recursos técnicos, quer mesmo à escassez de recursos humanos. Como um canal em crescimento, sofre com a falta de publicidade, problema com que se debate constantemente para garantir a sustentabilidade do projecto. As parcerias acabam por ser a maior e mais forte aposta, e muitas vezes é delas que depende o sucesso no trabalho. Como diz Domingos de Andrade, “sempre sendo um canal *lowcost* que somos, mas fazendo parcerias, chegando a acordos com empresas, com municípios, diferenciando claramente aquilo que é o jornalismo daquilo que não é, sendo credível junto das pessoas”.⁴¹

Ainda assim, de acordo com os profissionais da empresa e com a minha ainda curta experiência na redacção, entendo que o Porto Canal representa um conceito diferente, que aos pouco está a conquistar terreno em Portugal, e que poderá ser considerado como um bom exemplo de jornalismo de proximidade. Com a consagração do programa de regionalização há muito debatido e aguardado, a abertura deste tipo de veículos de informação de concentração local e regional ganharão, com certeza, uma maior relevância e um maior espaço de protagonismo. O Porto Canal representa um passo em frente nesse processo, e tem conseguido corresponder às expectativas de quem pretendia um canal que espelhasse a vida e o quotidiano do Norte do país, com tudo que isso envolve: problemas, riquezas, rostos

⁴¹ Entrevista ao Director de Informação Domingos de Andrade, transcrita em anexo pág. 86.

e entidades políticas, actividade económica e social. Embora pareça ainda haver um longo caminho a percorrer, os indicadores demonstram que estará no rumo certo.

A maior prova de que está a resultar são as audiências. O Director de informação orgulha-se ao afirmar: “se há dois anos 90% da nossa audiência se centrava no grande Porto, hoje nós teremos cerca de 60% no Norte todo, já não é só Porto, e os restantes 40% de Aveiro para baixo. Houve uma disseminação da audiência, mais bem repartida a nível nacional”⁴²

O futuro crescimento do Canal é ambicioso, e será com certeza moroso. O objectivo é estender a sua área de abrangência para além do Norte do País; continuar a trabalhar sempre o conceito de “jornalismo de proximidade”, mas “a ambição é o país; é cobrirmos todo o território nacional com delegações, em termos informativos. Significa estar pelo menos em todas as NUTS (Unidades Territoriais Estatísticas de Portugal) e assim ter uma presença constante e isso significa que as pessoas vão começar a olhar para o Porto Canal como um canal que está verdadeiramente próximo das pessoas”, diz o Director de Informação, Domingos de Andrade⁴³. Com esta intenção, a Direcção não tenciona descurar as opções editoriais, pelo contrário, ambiciona um canal com abrangência nacional para assim conseguir chegar próximo das comunidades de todos os distritos, praticando o jornalismo que tem vindo a ser desenvolvido, nos mesmos moldes, critérios e conceitos, mas a um nível superior, mais abrangente. Uma realidade que só será possível com a abertura de novas delegações.

Essas garantias permitem-me concluir que, muito embora seja ténue a linha que separa o trabalho que o Porto Canal desenvolve de um jornalismo regional, a verdade é que as semelhanças prendem-se de facto, apenas com a questão da proximidade. O Porto Canal ambiciona crescer e espalhar-se pelo país, mas nunca deixará de ser o “canal do norte” porque é lá que está sediado, é produzido e emitido. É neste momento o único canal televisivo totalmente produzido na região Norte e isso

^{42,43} Entrevista ao Director de Informação Domingos de Andrade, transcrita em anexo págs. 87, 86.

também o distingue. No entanto, já não se pretende que a área de abrangência fique unicamente circunscrita ao Norte. O próximo passo será a criação da delegação de Coimbra.

É uma conquista territorial, que será feita gradualmente, à semelhança do que já tem acontecido. Uma conquista da qual eu própria acabei por ser parte integrante, já que após o estágio, fui convidada a fazer parte do projecto como jornalista, e acabei por ser destacada para a delegação de Aveiro, a última a ser criada.

Como defende o Director de Informação, credibilidade, proximidade e actualidade são os pilares base da informação do canal, seja neste momento apenas no Norte, seja daqui a uns anos, no resto do país.

O crescente aumento das audiências do Porto Canal deixa subentender que há margem para crescimento e que o Canal está a ganhar notoriedade. O público começa a olhar para o Porto Canal de uma nova forma e a entender que há, de facto, um trabalho diferente, que vai de encontro ao que é mais próximo das comunidades e das próprias pessoas, permitindo a fidelização de audiências. Desta forma, e continuando a trabalhar esta informação diferenciada, este “jornalismo de proximidade”, o projecto poderá resultar a nível nacional, com delegações espalhadas um pouco por todo o país. Como confidencia o director de informação, “hoje não abrimos o telejornal com um acidente no Alentejo porque não nos é próximo, porque não temos uma delegação que nos permita estar próximo das pessoas e não noticiar à distância. Quando isso acontecer, quando essa delegação existir, passa a ser do nosso interesse também”⁴⁴. Significa isto que a proximidade será sempre a matriz orientadora do Canal, mas o norte...já não é o limite.

⁴⁴ Entrevista ao Director de Informação Domingos de Andrade, transcrita em anexo pág. 86.

Bibliografia

- Bourdieu, Pierre (2001) *Sobre a Televisão*. Celta Editora
- Coelho, Pedro (2005) *A TV de Proximidade e os novos desafios do espaço público*. Lisboa, Livros Horizonte
- Camponez, Carlos (2002) *Jornalismo de Proximidade*. Coimbra: Minerva, 2002
- Lopes, Felisbela (1999) *O Telejornal e o Serviço Público*. Coimbra, Minerva
- Lopes, Felisbela, *A TV do Real – a televisão e o espaço público* (2008) Coimbra, Minerva
- Manzini, Eduardo José, *A entrevista na pesquisa social* (1991), v. 26/27. São Paulo, Didática
- Ribeiro, Luísa Teresa (2006) Novos actores no campo da informação de proximidade, *Anuário 2006: A comunicação e os Média em análise*, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho pp. 93 – 104
- Santos, Cristina Rebelo (2002) *TV Regional e Região Norte – uma contextualização à Proximidade regional*. Lisboa, ISMAI
- Kovach, Bill; Rosenthal, Tom (2004) *Os Elementos do Jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto, Porto Editora
- Tibi, Jean, *Un journalisme provincial* (1975). Saint-Étienne, CIEREC Editora

Bibliografia consultada:

- Franklin, Bob (2006) *Local Journalism and Local Media - Making the local news*. London: Routledge
- Le Guern, Philippe, Leroux, Pierre (2000) *Les Limites de L' Espace Public Mediatisé: L' Exemple D'une Télévision Locale*, in Hermès, no 26, 27, Paris
- Rebelo, Cristina, (2011) Actas do 1º Congresso Nacional Literacia, Média e Cidadania (2011), *TV Local, Cidadania e Sociedade Civil: o caso português*, Braga, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade, pp. 313 – 324

Jornais/Revistas consultados online:Revista *Comunicação e Sociedade*:

- Peruzzo, Cícília M. (2005) Mídia regional e local: aspectos conceptuais e tendências, *Revista Comunicação e Sociedade*, pp. 66 - 84

Jornal de Notícias (Online):

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=447688 (consultado em 10 de Maio de 2013)

http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=536250&page (consultado em 12 de Maio de 2013)

Diário Digital:

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=410595 (consultado em 12 de Maio de 2013)

Jornal *Oje* (Online):

<http://www.oje.pt/noticias/nacional/porto-canal-aposta-cada-vez-mais-nainformacao-de-proximidade-diz-juan-figueiroa> (consultado em 25 de Maio de 2013)

Jornal *Público* (Online):

<http://www.publico.pt/media/noticia/porto-canal-com-nova-programacao-que-aposta-mais-na-regiao-1531253> (consultado em 25 de Maio de 2013)

http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/medico_dirige_sete_especialidades_no_hospital_de_braga.html (consultado em 8 de Junho de 2013)

<http://www.publico.pt/portugal/jornal/medico-acumula-direccao-de-sete-especialidades-no-hospital-de-braga-26393526> (consultado em 8 de Junho de 2013)

<http://www.briefing.pt/media/18736-porto-canal-renovado-julio-magalhaes-volta-a-informacao.html> (consultado em 8 de Junho de 2013)

Relatórios/Legislação:

- Anuário da Comunicação Obercom – Investigação e Saber em Comunicação 2010/2011 (*online*). Disponível em: <http://www.obercom.pt/content/21.cp3>
- Bareme da Imprensa Regional 2010, Grupo Marktest. Disponível em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1576.aspx>
- Constituição da República Portuguesa, Revisão Constitucional 2005 (2010), Vários VA, Editora Almedina
- Entidade Reguladora para Comunicação Social, *Imprensa local e regional em Portugal*, (2010), 1ª edição, Edição ERC
- Estatuto da Imprensa Regional. Disponível em: http://www.aacs.pt/legislacao/estatuto_da_imprensa_regional.htm

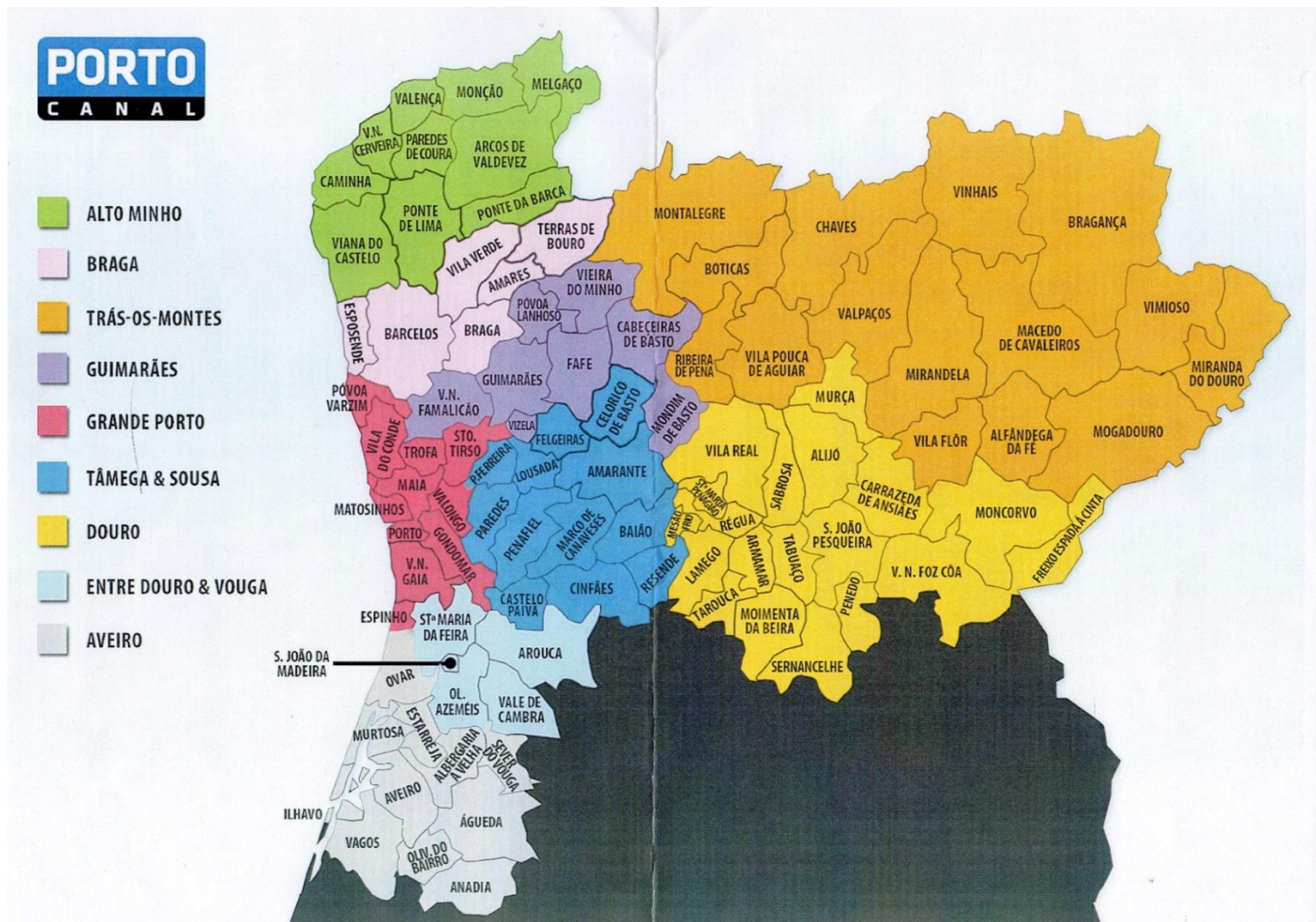
Artigos / Teses:

- Cádima, Rui (2008) *Web TV Local/Regional em Portugal: que alternativa à TV?*, Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, p.100. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/745/666> (consultado em 20 de Janeiro de 2013)
- Correia, João (1998) *Jornalismo regional e cidadania*. Tese de Mestrado. Universidade da Beira Interior. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/jcorreia_espaco.html
- Pascoal, Isabel (2008) *O jornalismo regional e os condicionalismos ao exercício da profissão*, III Congresso Português de Sociologia. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4926a435d94a4_1.pdf (consultado em 15 de Dezembro de 2012)
- Ribeiro, Juliana (2004) *Da política ao debate: jornalismo regional e espaço público*, *Biblioteca online de Ciências da Comunicação*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-juliana-da-politica-ao-debate.pdf>
- Ribeiro, Juliana (2005) *Jornalismo regional e construção da cidadania*. Tese de Pós-Graduação em Comunicação. *Biblioteca online de Ciências da Comunicação*. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-juliana-jornalismo-regional-construcao_cidadania.pdf

- Vizeu, Alfredo (2005) Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo, *Biblioteca online de Ciências da Comunicação (Internet)*, Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>

Anexos

Mapa da cobertura noticiosa



Entrevistas

Jornalistas

Jornalista Vânia Moura:

26 de Abril de 2013

O que entendes por "Jornalismo de Proximidade"?

"O que conta as histórias que o jornalismo de cariz nacional não conta. É sobretudo um contar de histórias onde as pessoas se revêm. É aquele jornalismo que tem a capacidade de nos recordar aquilo que fomos, que somos e o que queremos ser.

E o Porto Canal faz esse trabalho?

Faz. O Porto Canal tem um cariz regional, um âmbito local até. Nasceu na segunda maior cidade do país, o Porto, e tem aquilo que muitos chamam de 'pronúncia do norte', e isso vê-se nas notícias. Nós abordamos muitas temáticas que dizem respeito ao norte, até na actualidade que têm merecido a atenção das políticas nacionais e dos intervenientes nacionais, como é o caso da regeneração urbana, por exemplo o Porto de leixões; mas esses assuntos são assuntos do norte, e que nós damos a devida atenção. Portanto, o objectivo do canal é sobretudo dar uma visão daquilo que são as potencialidades da região, mostrando não só os problemas, mas o que o Porto e a região Norte tem de bom. E temos outros programas, sem ser a informação, que revelam esse sentir do norte".

O que sentes que é considerada notícia prioritária no canal?

Normalmente tenta-se sempre pegar pelo regional. Nem sempre é assim, é verdade, porque a actualidade às vezes impõe-se, mas é sempre o lado objectivo da região que está em primeiro lugar. Um exemplo claro é o das autárquicas; os candidatos à Câmara do Porto são figuras quase todas nacionais, e quase todos eles comentam, e alguns são até comentadores, a actualidade regional, mas nem sempre, e principalmente nesta altura de autárquicas, isso é assunto relevante.

Muitas das vezes nós escolhemos dar mais enfoque às matérias regionais do que às nacionais, isso é que eu acho que é a mais valia do canal; é ter essa visão do Porto para o resto do país, ao contrário dos outros canais generalistas, que é sobretudo o centralismo, a capital, o governo.

O norte tem um conjunto de municípios, como por exemplo Porto e Gaia, que já têm uma dimensão quer cultural quer política, que justificam ser noticiados, e isso também imprime uma outra força ao canal, uma vontade de fazer as coisas de maneira diferente, e não dar o que os outros também dão e que toda a gente ouve."

Quais são as maiores dificuldades que sentes no terreno?

Um canal pequeno tem sempre muitas dificuldades, quer sejam meios humanos quer sejam recursos físicos, isso nota-se. O mesmo jornalista acaba por fazer mais peças do que as que devia. Isso por vezes é prejudicial porque acaba por retirar tempo para analisar o material que se traz de cada reportagem e por vezes isso reflecte-se na qualidade do trabalho. Há aqui uma balança, um contrapeso que temos que fazer, entre aquilo que tu tens que fazer porque de facto não há mais meios e jornal tem que ir para o ar, e aquilo que é a qualidade das tuas peças. E essa é que eu acho que é a vantagem do canal, nós somos forçados a fazer todos os dias este balanço, este contrapeso, e vamos aprendendo, se calhar da pior maneira, como fazê-lo. E isso se calhar dá-nos outras ferramentas, que de outra forma, se calhar não temos. O canal está a crescer, e para assegurar tanta notícia e tanta actividade noticiosa é preciso mais gente, e mais gente significa mais qualidade, mais tempo para trabalhar.

Parece-te que existe a ambição de colocar o canal ao lado de uma SIC ou TVI?

"Eu acho que não devemos ter essa ambição. Canais generalistas já existem em excesso, não precisamos de mais nenhum canal generalista. Precisamos de um canal feito do norte e para o norte, de cariz maioritariamente regional, vocacionado para a região. Aliás, basta olhar para Espanha e ver o sucesso que os canais regionais têm, por exemplo na Galiza. São reveladores de audiências extraordinárias. E o que nos impede de chegar a isso é a falta de sensibilização das pessoas para as televisões regionais. Ainda há muito preconceito, um estigma quanto àquilo que é produção

local, regional. Mas eu acho que isso com o tempo, e com a afirmação que o Porto canal tem vindo a fazer, vai mudar. E acho que esse é um nicho de mercado que falta preencher, e que nós de facto temos capacidade para preencher. Não devemos ambicionar ser uma sic porque sic já há muitas. Nós devemos ambicionar ser uma coisa que ainda não existe, colmatar uma falha que ainda não existe, dar voz àquilo que não tem, o tal jornalismo de proximidade.

Em relação ao reconhecimento, que feedback é que tens normalmente das pessoas em relação ao canal, já que andas no terreno?

Eu acho que tem havido uma evolução positiva em todos os extractos sociais; desde a Maria Francisca que nos vê na aldeia, aos deputados e presidente de Câmara, todos reconhecem que tem havido um crescimento e um esforço efectivo para aquilo que é qualidade da informação. para isso tem contribuído também o esforço de gigantes que o canal tem feito para dar esse passo, às vezes à custa de muito trabalho, muitas horas passadas. Mas é evidente que há uma linha de crescimento, principalmente nos últimos meses muito, e que se revela nas audiências. Hoje, nós vimos para a rua e já ouvimos dizer 'nós vimos esta peça, e gostamos muito daquele programa', e isso é muito importante porque há um feedback. Até pelo site, que revela que tem havido um crescente aumento de visualizações das peças.

— — — —

Jornalista Alexandra Martins:

26 de Abril de 2013

O que entendes por "Jornalismo de Proximidade"?

Jornalismo de Proximidade é precisamente o que nós fazemos aqui no Porto Canal. Nós damos notícias que mais nenhum meio de comunicação social dá, abordamos que muitas vezes não interessam aos outros meios de comunicação social. Em primeiro lugar porque não damos só notícias más, damos também notícias boas, e há pequenas notícias que às vezes depois até se tornam em grandes notícias, e que alguns meios não fazem questão de abordar. Nós queremos dar voz às pessoas, e isso

nota-se também pelo tipo de programas que temos, e penso que as pessoas conseguem sentir que esse é o nosso objectivo e o nosso trabalho cá.

O que sentes que é considerada notícia prioritária no canal?

Somos o canal da região norte, logo, muitas vezes damos notícias que interessam à região norte, e que depois tem visibilidade para o resto do país. Mas claro que há vezes que abrimos com notícias a nível nacional.

Quais são as maiores dificuldades que sentes no terreno?

No início as dificuldades eram imensas..não só pelo facto de poucas pessoas conhecerem o Porto Canal. Agora é mais fácil, mas claro que diariamente enfrentamos várias dificuldades, começando pelo facto de algumas vezes as pessoas não quererem partilhar as suas histórias connosco, às vezes são assuntos, notícias sensíveis, e não querem falar connosco, e nós temos que aceitar. Por outro lado o nosso trabalho é isso, é dar a notícias, portanto, temos que explicar às pessoas que o que pretendemos não é invadir a privacidade delas, mas que de alguma forma queremos dar visibilidade a alguns assuntos. E eu acho que o mais difícil é isso.

E em termos de recursos, quer materiais quer humanos, parece-te que há muitas dificuldades?

Nós crescemos muito. Nesta altura ainda somos uma criança mas somos uma criança que, como eu costumo dizer, já aprendeu a andar e já dá alguns passos largos e bem confiantes. E portanto nesta altura, trabalhamos muito, somos poucos, mas temos na cabeça que temos que fazer o nosso trabalho, e temos que dar as notícias às pessoas, e às vezes podemos até estar a trabalhar 8, 9, 10 horas, se acontece algo à última da hora, nós não pensamos duas vezes. Há notícias a mais para os trabalhadores aqui do Porto Canal, claro que sim; é sempre preciso mais; um jornalista aqui faz 3, 4, até 5 peças por dia se for preciso, claro que precisávamos de mais jornalistas, mas a nossa filosofia também é um bocadinho diferente; nós fazemos, gostamos do que

fazemos, esta é não só uma oportunidade mas também uma responsabilidade que temos com as pessoas.

Em relação ao reconhecimento, que feedback é que tens normalmente das pessoas em relação ao canal, já que andas no terreno?

Muitas pessoas conhecem o Porto Canal, muita pessoas já ‘picam’ ao longo do dia no Porto canal para ver as notícias da região, e não só, as notícias a nível nacional; tenho esse feedback todos os dias, não só com as pessoas que entrevisto, mas também colegas e amigos que me vão dizendo, que falam de programas, que comentam. E isso é resultado do nosso trabalho e do nosso esforço. Quando eu dizia que nós às vezes trabalhamos 8, 9 horas e se surgir uma notícia de última hora não nos importamos de trabalhar 10 e 11 para a dar, acho que as pessoas já notam isso. E sim, na rua as pessoas já reconhecem os apresentadores, reconhecem o trabalho dos jornalistas, e mais do que isso, dão-nos força para continuarmos.

Há aqui um compromisso com as pessoas? O canal tem um compromisso com as pessoas?

Os nossos líderes são as pessoas, sem dúvida nenhuma. É isso que nos incutem e sempre me incutiram isso desde que cá estou há já 5 anos. Portanto, às vezes nós estamos cansados, por exemplo, em rodapé na imagem não vai aparecer que estamos cansados, nós respiramos fundo e fazemos bem o nosso trabalho, porque as pessoas é que valem aqui, porque sem elas nós não somos nada.

Parece-te que existe a ambição de colocar o canal ao lado de uma SIC ou TVI?

Competir com os principais canais sem serem os da TV por cabo, penso que em alguns casos já compete. Mas também considero que o facto de o Porto Canal estar onde está é precisamente pelo facto de ser diferente e por fazer notícias que os outros não fazem, e por falar com pessoas que os outros não falam, e por querer ouvir a

opinião de cada um. Acho que é essa diferença que faz com que consigamos crescer, porque as pessoas em cada notam isso, notam que nós somos diferentes.

Jornalista José Luís Bessa:

30 de Abril

O que entendes por "Jornalismo de Proximidade"?

Para mim jornalismo de proximidade significa jornalismo "feito" a pensar na região e nos "interesses" da população. Levar até casa do telespectador aquilo que outros canais de televisão não fazem, como por exemplo reportar histórias e casos de uma região que por vezes não merece destaque, a não ser pelas piores razões. Significa dar voz aqueles que muitas vezes não têm voz seguindo uma estratégia regional e alavancar a região norte. Estar próximo da população.

No teu ponto de vista o Porto canal pratica um jornalismo de proximidade? Porquê?

O Porto Canal é talvez o único ou dos únicos órgãos de comunicação social que pratica um jornalismo de proximidade, porque reporta casos que não merecem destaque noutros órgãos. No Porto Canal é dada voz à região, aqui existe a preocupação de "agradar" ao telespectador, ouvindo-o e reportando o seu caso por exemplo. Numa altura em que cada vez é mais acentuado o centralismo, penso que o Porto Canal tem conseguido fazer esse jornalismo de proximidade, esse jornalismo junto das populações.

O que sentes que é considerada notícia prioritária no canal?

Essa pergunta é um pouco difícil de ser respondida, tendo em conta que só as chefias a podem responder, pois são eles que definem a linha editorial do Canal. Mas sem dúvidas que uma notícia prioritária no Canal será certamente aquela que seja de extrema importância para a região. Algo de relevante como um grande investimento ou acontecimento na região norte e aí mais uma vez se verifica o jornalismo de proximidade a pensar na região norte e nas pessoas que nela habitam.

Quais são as maiores dificuldades que sentes no terreno?

No terreno são muitas as dificuldades sentidas por todos os jornalistas. Hoje existe em Portugal um enorme receio por parte das pessoas em dar a cara por muitos acontecimentos com receio de represálias e isso sem dúvida que dificulta em muito a vida dos profissionais. Tirando esse receio que se sente diariamente no terreno, o jornalista é por vezes também considerado o culpado por muitos acontecimentos. Ainda existe o estigma de que o País por vezes está mal por culpa do jornalismo e é aí que às vezes a nossa vida fica dificultada no contacto directo com as pessoas. No caso em concreto do Porto Canal, penso que as pessoas olham para nós de maneira diferente, mas a verdade é que ainda se sente bastante no terreno essas adversidades para os profissionais.

Relativamente ao reconhecimento do canal, que feed-back consegues obter de forma geral das pessoas/fontes/entrevistados? Conhecem o canal? Os programas? Vêm o canal?

Esta é aquela pergunta em que talvez tenho verificado mais alterações nos últimos anos. No meu caso em concreto posso exemplificar que, há três anos quando comecei a exercer jornalismo no Porto Canal, eram poucos aqueles que o viam. Hoje verifica-se precisamente o contrário e sente-se esse carinho por parte das pessoas que nos encontram e falam sobre os programas que passam diariamente ou sobre as reportagens. Penso que hoje o Porto Canal é visto e reconhecido por muita gente e isso vê-se pela quantidade de comentários que nos chegam diariamente, quer no terreno, quer no estúdio. O Porto Canal ainda é uma espécie de "embrião" no mundo jornalístico português, mas o seu crescimento faz-se notar a cada dia que passa.

Parece-te que o canal pode vir a concorrer com um dos generalistas SIC, TVI, RTP?

A curto prazo penso que essa concorrência não será possível, pois estamos a falar de três canais abertos cimentados há muitos anos no mercado e o Porto Canal é um canal de cabo e ainda com poucos anos de existência. A longo prazo e se seguir a linha que se tem verificado nos últimos tempos, poderá existir um aproximação, mas ombrear directamente com estas estações parece-me impossível, a não ser que se verifique alguma alteração e o Porto Canal passe por exemplo a fazer parte da TDT.

Aí sim seria mais fácil "combater" com estes gigantes da comunicação social portuguesa.

De forma geral, o que te parece o trabalho desenvolvido pelo Porto canal? Está no caminho certo para continuar a crescer?

O trabalho que tem sido realizado pelo Porto Canal tem de ser salientado e valorizado. Fazer jornalismo a partir do norte para o País não é fácil, mas penso que esse trabalho tem sido feita de uma forma bastante meritória. O crescimento faz-se com trabalho, dedicação, união entre os factores importantes e penso que aí o Porto Canal tem realizado um enorme trabalho e que tem tudo para continuar a crescer. Não será de um dia para o outro como é óbvio, mas penso que o esforço diário de todos os profissionais que aqui trabalham, um dia será certamente reconhecido. Depende também da linha que o canal seguir nos próximos tempos, tendo em conta que existe uma ligação ao Futebol Clube do Porto que convém ter em conta, pois apesar de não sermos um canal com conteúdos de um clube, não pode ser esquecido de que somos um canal que tem clube.

Veremos o que acontecerá nesta curta história que para já é, mas que certamente ainda terá muitas e muitas páginas para ser escrita.

— — — —

Director de Informação

Domingos de Andrade

2 de Maio de 2013

Como define o tipo de jornalismo que se pratica no Porto Canal?

Nós somos um canal que é feito do Porto e do Norte para todos o país e isso faz desde logo uma diferença muito grande. Primeiro porque todos os canais são feitos a partir de Lisboa. E nós sendo um canal feito no Porto tem uma perspectiva diferente sobre os acontecimentos do país, a forma como noticiamos a política é diferente da que fazem em Lisboa, a forma como praticamos e estamos próximo das pessoas é completamente diferente das outras redacções, portanto eu diria que um dos primeiros esteios do nosso jornalismo é a proximidade. O segundo é a credibilidade,

porque o que nós estamos a fazer é um jornalismo que sendo próximo das pessoas, é credível. O terceiro é que é um jornalismo popular, mas não o “popularucho”; é um jornalismo popular de qualidade. Nós indo ao encontro do que são os anseios, as necessidades das populações, queremos fazer um jornalismo que seja próximos delas também, um jornalismo que seja perceptível, que fale da vida real das pessoas e da vida de todos os dias. Portanto, credibilidade, proximidade e evidentemente actualidade.

O que é considerada uma notícia prioritária para o Porto Canal? Que justifique a saída de uma equipa de reportagem para o canal ou um directo?

Justamente estes quatro esteios que norteiam a nossa orientação. A primeira é o tipo de acontecimento, a actualidade que o acontecimento tem, a preponderância, a relevância do acontecimento. Imaginemos que temos um Ministro numa das nossas áreas de influência, no cenário por exemplo da actual crise política, claro que vão lá, que fazemos um directo; outro exemplo é um acidente, uma tragédia, com certeza que estaremos lá e faremos um directo. Porque essa é também uma forte aposta nossa, é estar onde e quando os acontecimentos estão a ocorrer.

Mas quando temos na balança uma questão nacional ou regional, tende mais para o regional?

Pesa mais a nossa região, sim. Proximidade. Nós não somos um canal que é feito do Norte para o Norte, é do Norte para o resto do país. Portanto é evidente que aquilo que nos é próximo tem mais importância para nós do que o que está mais distante. Ou seja, estamos a fazer reportagens sobre o Verão por exemplo, tendemos a fazer da região norte, que é mais próximo de nós. Esse é sempre o nosso critério.

Que desafios é que estão na linha da frente para o Porto Canal?

Nós temos vindo a crescer muito nos últimos dois anos, a crescer paulatinamente, e esse crescimento traduz-se em influência, em audiências, e ao mesmo tempo em

colocar as nossas peças a correr; é como se fosse um jogo de xadrez, e como é que começamos essas peças? Alargando o número de delegações que nós temos. Uma das coisas que se fizeram em 2011, assim que o canal mudou de gestão para o FCP, foi abrir a delegação de Lisboa. Isto porque é importante estarmos onde está o núcleo, o centro nevrálgico do poder. Mas é importante estarmos lá não para fazer aquilo que os outros todos fazem, mas fazer aquilo que nós entendemos que é relevante fazer, neste caso, por exemplo, perceber no Parlamento o que é que fazem os 80 e tal deputados que são eleitos pelo Norte, desde Aveiro a Valença, que é neste momento a nossa área de influência; perceber o que é que eles prometiam quando foram eleitos, o que é que fazem agora que estão no Parlamento, de que forma é que estão a cumprir aquilo que prometeram. Portanto a nossa delegação em Lisboa serve sobretudo para fazer esse escrutínio de poder político.

Mas com a abertura da delegação de Lisboa, deixamos de ter apenas a região Norte?

A nossa ambição é o país; é cobrirmos todo o território nacional com delegações, em termos informativos. Significa estarmos pelo menos em todas as NUTS (Unidades Territoriais Estatísticas de Portugal) e assim termos uma presença constante e significa que as pessoas vão começar a olhar para o Porto Canal como um canal que está verdadeiramente próximo das pessoas. Nenhum canal actualmente, nem os jornais, têm delegações espalhadas pelo país, ora essa proximidade que o jornalismo perdeu é a morte do jornalismo. Portanto o que nós pretendemos é fazer esse crescimento, e isso faz-se com cautela, calmamente, palmilhando o território e sem entrarmos em grandes loucuras. Sempre sendo um canal lowcost, que somos, mas fazendo parcerias, chegando a acordos com empresas, com municípios, diferenciando claramente aquilo que é o jornalismo daquilo que não é, sendo credível junto das pessoas. Terá sempre a centralidade na Região Norte, mas nós não estamos circunscritos, fechados nas muralhas fernandinas, não. Nós seremos sempre uma aldeia gaulesa, mas levaremos sempre a região ao país, e o país à região. E neste momento já estamos em França, Luxemburgo, Suíça, estamos a preparar-nos para entrar nos EUA, na América do Sul, estamos em África, Angola e Moçambique, e

vamos expandir-nos ainda mais, nós levamos a região e o país para fora, hoje mais do que qualquer outro canal, excepto RTP Internacional, não há dúvidas.

Hoje os nossos telejornais, a abertura dos nossos telejornais pauta-se muito pela proximidade, e depois tem todos os outros critérios de valor-notícia de qualquer outro órgão de comunicação social, e portanto sendo assim, tendemos a abrir com o que nos diz mais respeito, desde ao acidente à manifestação. Tendemos menos a abrir com o acidente em Lisboa ou no Algarve ou no Alentejo, por uma razão muito simples, porque não temos essa proximidade nem a capacidade de produzir isso de uma forma diferente daquilo que fazem os outros. Primeiro diferente e melhor, e esse é o caminho que queremos, chegamos primeiro, fazemos diferente e melhor.

Quais as principais diferenças que encontra entre os meios de comunicação social onde já trabalhou e o Porto Canal?

Em primeiro lugar são plataformas diferentes. Antes de vir para aqui estava na Direcção da Lusa e a Lusa é uma “máquina” diferente. O mesmo com o JN, que coo é um jornal diário, impresso, nós temos que ter um gancho diferente; já não é o imediatismo da notícia. Um projecto de televisão é um projecto que pelas suas características difere completamente, é desafiante mas diferente.

Quais os níveis de audiências actualmente? Onde é que o Porto Canal já chega a nível de audiências?

Nós partimos de uma base muito baixa, e hoje podemos dizer que temos crescido muito em termos de audiências. Por dia nós temos meio milhão de pessoas a ‘picar’ o canal. Ao fim-de-semana já chegámos a atingir um milhão de espectadores. Estamos muito satisfeitos com esta evolução Os nossos programas âncora são os da marca Futebol Clube do Porto, catapultam-nos muito as audiências, alavancam as audiências. Estamos a falar de uma média de 50 a 100 mil pessoas a ver os programas FCP, o que nos dá 1.3% ou 1.4% de audiência. Depois temos os espaços informativos – os telejornais – que têm uma média de audiência de 20 ou 30 mil pessoas, o que nos dá uma variável entre os 0.9% e os 1.1% de audiência. Depois há

ainda programas que começam a fidelizar, como por exemplo o da manhã, alguns da noite, sobretudo de cariz informativo que também já têm fidelização.

Os espaços informativos e do FCP já têm muitos espectadores fidelizados, e até já liderámos no cabo, com os espaços informativos. Há muitos momentos do dia aliás, em que já lideramos no cabo. E isso para nós é bom, sabemos que nunca teremos audiência de uma SIC ou TVI, mas debatemo-nos no cabo “taco a taco” e isso é muito bom. No cabo já somos o 3º canal mais visto, é bom.

Qual a variação/evolução das audiências entre Norte, Centro e Sul do país?

Houve uma evolução simpática. Se há dois anos 90% da nossa audiência se centrava no grande Porto, hoje nós teremos cerca de 60% no Norte todo, já não é só Porto, e os restantes 40% de Aveiro para baixo. Houve uma disseminação da audiência, mais bem repartida a nível nacional.

Em França a nossa entrada por exemplo foi um sucesso. Há uma comunidade muito grande de emigrantes em França, cerca de um milhão de emigrantes, de descendentes directos, não estou a falar de luso-descendentes, e grande parte deles da região, do norte. Mas hoje temos uma coisa que nos afere muito na influência do canal, que é o facto de toda a gente querer vir ao canal, ou para participar num entrevista, para debater, falar; e isso mostra a influência que o canal já tem.

— — — —

Chefe de Redacção

Vanda Balieiro - Chefe de Redacção

2 de Maio de 2013

Quantos jornalistas tem o Porto Canal, neste momento?

A contar com jornalistas que trabalham a informação geral e jornalistas que trabalham com o desporto - Futebol Clube do Porto -, entre sede e delegações, temos neste momento 29, incluindo já também os pivots (coordenadores).

No total, quantos elementos integram a equipa total do Porto Canal?

Entre colaboradores e funcionários, temos entre 80 e 90 pessoas.

O Porto Canal é considerado canal nacional, mas o principal enfoque informativo do Canal é a região norte?

O Porto Canal começou em 2006 com o enfoque nos 14 municípios do Grande Porto, e depois, ao fim de 4 anos, quisemos dar mais amplitude à nossa informação, sempre de proximidade, mas alargando a outros territórios do norte, e é por isso que começámos a abrir as delegações. sempre com o intuito de produzir informação de proximidade, dar voz a novas personalidades, lançar opiniões diferentes, de novos protagonistas, e sempre com o apoio de instituições - universidades, autarquias, empresas com destaque na região.

Por isso podemos definir o jornalismo que aqui se pratica de jornalismo de Proximidade?

Jornalismo de proximidade mas no âmbito nacional, ou seja, emitir para todo o país mas a partir do norte e a partir do Porto.

Os critérios editoriais alteraram-se um pouco desde a entrada do FCP no canal, ou seja, até ali era uma informação quase dedicada exclusivamente ao norte, podíamos ter uma notícia nacional, que envolvesse o Governo ou o presidente da República, ou que mexesse com a economia, com as finanças, com a saúde dos portugueses...

Mas sempre com o ponto de vista do norte?

Exactamente sob o ponto de vista do norte. Com a entrada do FCP e da nova direcção isso alterou-se um bocadinho. Passámos a ter jornais de 50 minutos, primeiro tínhamos 2 e depois passaram a ser 3. Passámos a ter notícias exclusivas Porto Canal mas também dar notícias de âmbito nacional, e com os protagonistas em

Lisboa. Numa primeira fase era através da Agência Lusa, utilizávamos a informação disponibilizada por eles, a que os canais têm acesso. Mas depois criámos também uma delegação em Lisboa. Colocámos lá uma jornalista para estar próxima principalmente dos deputados que são eleitos pelos círculos eleitorais do norte. Ou seja, o ponto de vista do norte a partir de Lisboa, e termos acesso a essas notícias de âmbito nacional, mas contada pela voz de pessoas do norte. Além disso, essa delegação também nos permitiu trazer outro tipo de notícias que apesar de serem em Lisboa, são importantes para o norte, porque tratam ou de empresários do norte, músicos do norte, actores do norte.

O que é uma notícia prioritária no canal?

Tudo o que tenha impacto na vida dos portugueses. Aquilo que é importante para os portugueses, pode ser finanças, pode ser economia, saúde, educação, aquilo que vai mexer com a vida dos portugueses.

Uma notícia do norte pode facilmente passar à frente de uma de âmbito nacional no alinhamento?

Geralmente sim, é isso que acontece. Nós nos nossos alinhamentos, quando estamos a discuti-los, vemos sempre o que é mais importante, o que vai mexer mais com a vida dos portugueses, e geralmente tentamos sempre que seja uma notícia do norte e é por aí que abrimos. Se o que marcar o dia for nacional, impõe-se, claro. Mas tentamos que as nossas aberturas sejam sempre com algo relativo ao norte.

O que é motivo de abertura do jornal?

Pode ser muita coisa. Por exemplo umas cheias no Douro que deixaram centenas de pessoas acordadas toda a noite com receio que as águas invadissem as casas, pode ser um acidente que matou uma família, pode ser um Ministro vaiado numa visita ao norte...

Tendencialmente o norte também?

Sim. Se bem que pode ser as medidas de austeridade anunciadas pelo Ministro em Lisboa também, claro.

Quais as principais diferenças que encontra entre o trabalho desenvolvidos nos outros órgãos de comunicação social onde passou anteriormente e o trabalho no Porto Canal?

Eu passei por duas rádios locais, um jornal nacional, um jornal local e a NTV. É incomparável desde já uma rádio e jornal em relação a uma televisão, e depois, por exemplo numa rádio local era impensável fazer grandes viagens para reportagem; quase sempre as entrevistas eram feitas por telefone. E no caso do jornal local é praticamente a mesma coisa, ou seja, os meios são muito mais limitados. Já em relação à NTV, o Porto Canal nasceu com base na NTV, ou seja, o director geral da NTV, Bruno Carvalho, sai da NTV e depois decide, com outras pessoas, criar o Porto Canal. E com ele traz outras pessoas, como é o meu caso. A grande diferença é que a NTV pertencia a dois grandes monstros chamados PT e RTP, e em termos financeiros não havia problemas porque estava garantida a sustentabilidade, ou seja, nós aqui não se podem comparar os orçamentos.

Quem esteve na génese da NTV considerou que era possível retomar aquele projecto, de uma forma diferente, se calhar mais sustentada, não com tantos meios mas que era possível fazê-lo vingar, e a verdade é que o Porto Canal vai fazer 7 anos e continua no ar e a expandir-nos.

Como é que surgiu a oportunidade de, em Dezembro passado, trazer o Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho a entrevista no canal?

A nossa direcção tentou ouvir todos os líderes políticos, para além do Primeiro-Ministro, que para além de ser primeiro ministro era também presidente do PSD, ouviu também o secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa, ouviu também um dos coordenadores do Bloco de Esquerda, Catarina Martins, e o anterior, Francisco Louçã. Por isso, não foi um caso isolado, tentámos ouvir todos os líderes partidários.

A entrada do Júlio Magalhães trouxe mais notoriedade ao canal?

É evidente que sim. Permitiu abrir-nos outras portas, porque o Júlio Magalhães por si só é uma figura. Quando vamos na rua e falamos do Porto Canal, já associam ao Júlio Magalhães.

— — — —

Coordenadores

Ana Rita Basto – Coordenação / Pivot

19 de Abril de 2013

O que entendes por "Jornalismo de Proximidade"?

Geralmente o Jornalismo de Proximidade dá voz àquilo que os outros não dão, e penso que o Porto Canal faz esse trabalho, que é, os pequenos problemas que aos olhos dos outros órgãos de comunicação social possam parecer menores, nós tentamos chegar até eles. Proximidade é estarmos no sítio onde acontecem as coisas, não nos limitarmos a uma faixa litoral, Porto, Lisboa, Braga, Viana do Castelo, que são de facto capitais de distrito, mas chegarmos a Fafe, a Celorico, a Mondim, a Baião, a Amarante; chegar a esses sítios é jornalismo de proximidade, seja em Trás-os-Montes, seja no Minho, e acho que nós no Porto Canal fazemos isso. Se bem que considero que quem está nas delegações sente ainda mais isso, porque muitas das vezes somos os únicos a estar lá e a dar voz a essas pessoas, e por isso acho que quem está, quem trabalha numa delegação acaba por sentir muito mais essa proximidade e esse reconhecimento, do que nós que estamos aqui na sede, a apresentar o jornal.

Nesse sentido, e como coordenadores, que tipo de preocupação é que há no tratamento da informação?

A preocupação é idêntica seja um tema nacional, local ou regional, pelo menos da minha parte. Temos sempre que olhar para a notícia como um todo, como um facto,

primeiro, perceber como é que nos chega, porque há muitas formas de ela chegar até nós; há a via oficial através de autarquias, associações, e aí é mais fácil de “checkármos” a informação e de decidirmos o que fazer com ela, ou muitas vezes vem através das pessoas, e aí acho que é essencial fazermos o nosso trabalho em termos de produção e investigação, perceber o que envolve a notícia, quem está envolvido, contraditório. Em termos de tratamento formal eu acho que basicamente é o mesmo, depois também depende muito da sensibilidade da pessoa que está no terreno, e da nossa, porque também parte de nós muitas vezes orientar quem está no terreno.

O que é uma notícia prioritária no canal?

Primeiro, da região. Obviamente nós fazemos alguma coisa de Viana do Castelo, ou de Valença ou de Cerveira, e não fazemos de Évora. Depois, dentro da linha do canal, em termos globais, vimos sempre o que diz mais á pessoas; se é um tema social, se é um tema de desemprego, de instabilidade social, acaba por ser uma prioridade, mas pelo lado da preocupação as pessoas, de afectar as pessoas, daí a proximidade. Mas mesmo quando o tema é nacional, o que nós tentamos fazer é dar-lhe sempre o cariz regional, porque as questões do desemprego por exemplo, afectam toda a gente, mas é diferente a forma como as pessoas do norte olham para o desemprego do que se calhar as do Algarve. Há formas diferentes de encarar um problema, e daí muitas vezes nós termos que fazer essa leitura.

Porque linhas se rege, normalmente, o alinhamento do jornal?

Tentamos sempre no alinhamento, começar com coisas da região, que digam directamente respeito às pessoas. Muitas das vezes são casos de crime, desemprego, de falências de empresas, casos de agressões, casos que marcam a actualidade e que aconteçam no dia; geralmente o que abre o jornal são acontecimentos do dia. Depois de começarmos com um bom bloco de temas fortes e nossos, geralmente tentamos ir depois ao nacional. Claro que há dias que é impossível fugir ao nacional, quando temos o Primeiro-Ministro a anunciar medidas, quando há demissão de um Governo, claro que invertemos a lógica. Temos aqui uma preocupação, é que nós não podemos deixar de dar o que os outros dão, mas temos é que dar coisas diferentes do que os

outros dão, e esse é o nosso desafio, é as pessoas olharem para o nosso jornal e perceberem que está lá a informação importante do dia, mas que demos mais alguma coisa que os outros não deram porque não chegaram lá, porque não têm equipas tão próximas desses locais.

O que é que justifica um directo?

A razão para um directo é a actualidade. Um acidente pode ser razão para um directo, se coincide com a hora do jornal, depois tem a ver com a questão do tempo, se não há tempo para fazer a peça ou de chegar ao local. Ou porque vai estar uma pessoa nesse local a essa hora que nos pode fornecer uma reacção importante e que justifica a ida da equipa.

Parece-te que existe a ambição de colocar o canal ao lado de uma SIC ou TVI?

Sim, e eu acho que isso ficou claro quando passaram por exemplo o Jornal para as 20h00. Acho que a partir do momento em que passámos o jornal das 21h00 para as 20h00 ficou claro que havia a intenção de competir com quem também está às 20h00, porque de facto, o telespectador passa a ter de fazer uma escolha; ou nos vê a nós ou vê os canais generalistas. Parece-me que esse foi realmente o primeiro passo que deram de que queriam de facto competir com uma televisão regional. O mesmo se passa com o Jornal das 13h00, porque nós no início não tínhamos jornal a essa hora.

Mas parece-te que há a intenção de o tornar verdadeiramente nacional, no sentido de expandir por exemplo a nível das delegações?

Olhando para a forma como começámos e como estamos neste momento, pode dizer-se que já estamos até a mais do que o norte, já tocamos o centro, com Aveiro por exemplo. Agora, não sei se faz sentido, sinceramente, expandir dessa forma, porque não foi assim que o canal inicialmente foi pensado. Eu acho que com a delegação em

Lisboa já fazemos esse papel, ou seja, já estamos de certa forma em todo o país, pois é lá que se decide grande parte do país.

Em relação ao reconhecimento, que *feedback* é que tens normalmente das pessoas em relação ao canal, já que és uma das caras dos Telejornais diários?

Noto que as pessoas olham, reconhecem, notam muito as melhorias no canal, comentam e elogiam o trabalho; normalmente fazem críticas muito positivas.

— — — —

Pedro Carvalho da Silva – Coordenador/Pivot
2 de Maio de 2013

Como defines o tipo de jornalismo praticado no Porto Canal?

No Porto Canal pratica-se um jornalismo de proximidade e rigor, tentando transmitir a credibilidade necessária num canal que procura dar a informação obrigatória que os outros têm, mas indo mais além precisamente acrescentando as notícias mais “locais” que nos canais nacionais são consideradas de “segundo plano”.

O que é considerado notícia prioritária no canal?

Sempre o que tiver grande relevo para a região norte, salvo os grandes assuntos nacionais que afectem todos os portugueses de norte a sul e arquipélagos incluídos (por exemplo o orçamento do estado, aumento ou diminuição de impostos, taxa de emprego etc)

Por que critérios se rege, normalmente, o alinhamento de um jornal?

O critério de um alinhamento de jornal é sempre definido pela importância e impacto que o assunto tem nas pessoas e na sociedade. Porém, nenhum noticiário pode ser inteiramente constituído por *hard news*, correndo o risco de ser um jornal pesado em termos de conteúdo levando o espectador a mudar de canal. Ou seja, um noticiário equilibrado tem de ter uma dose bem nivelada de notícias “sérias” sejam elas de economia, política ou criminalidade, complementado por assuntos mais leves como

desporto, eventos ou efemérides. Esse é o cocktail desejado para um bom e sobretudo diversificado noticiário.

O que é motivo de abertura de jornal? Procura-se que sejam, em geral, notícias da região Norte?

No caso do Porto Canal segue-se em seguimento das respostas anteriores. As notícias de grande importância regional têm sempre grande prioridade, a não ser que sejam ultrapassadas em termos de importância por assuntos nacionais que afectem todos pela positiva ou pela negativa.

Consideras que o Porto Canal pratica um jornalismo de proximidade, capaz de oferecer conteúdos noticiosos diferentes dos restantes canais generalistas? Que exemplos? Que vantagens?

A questão da informação de proximidade é desde logo uma mais-valia. Num momento de decisão entre dois assuntos para abrir um jornal, ambos com a mesma importância, mas um de carácter nacional e o outro de carácter regional, a prioridade é imediata para o regional. Porquê? Porque se os assuntos foram verdadeiramente importantes mas sobretudo iguais em termos de importância, é garantido que os canais nacionais vão abrir com o que é “nacional”, e aí entra o Porto Canal como alternativa relevando como prioritário o que é regional.

Qual a importância da presença dos comentadores/convidados/debates frequentes nos jornais diários do canal?

São mais-valias no espaço mediático, acrescentando novas personalidades e novas opiniões, muitas vezes desconhecidas porque não se movimentam no espaço da capital do país. São sobretudo comentadores do norte para o país e não de Lisboa, com a visão centralista para o país.

Tendo em conta que acompanhaste o canal desde o início, o que podes dizer em relação à evolução que o canal tem sofrido ao longo dos anos? E sendo um rosto

conhecido do canal, que feedback extrais, de forma geral, do público?

Reconhecem-te? Conhecem o canal? Vêm? Gostam?

Sim. O canal é bastante reconhecido, quem gosta elogia, quem não gosta fala mal mas vê na mesma, nem que seja para criticar. No meu caso, como cara do canal com bastante visibilidade sinto isso desde o primeiro momento, mas agora mais do que nunca. Quanto à evolução, tem vindo a ser progressiva mas agora de uma forma mais firme e rápida, muito devido ao peso institucional do FC Porto.

Exemplos de Alinhamento nos Telejornais:

Caso 1 – Jornal das 13h do dia 15 de Julho de 2013

JORNAL DIÁRIO

RESUMO

[IN15SIJD] SÍNTESE ABERTURA

1.AUMENTO DE POBRES EM PORTUGAL *Quase metade da população portuguesa está em risco de pobreza - os dados hoje revelados pelo Instituto Nacional de Estatística*

2.TOURO FUGE E FERRE DUAS PESSOAS EM VILA REAL

3. MILITARES DA GNR ACUSADOS DE CORRUPÇÃO *(5 militares da GNR foram acusados de corrupção e abuso de poder no caso da comunidade chinesa de Vila do conde)*

4.FC PORTO: RICARDO É A GRANDE NOVIDADE *(FCP regressou aos treinos no Olival na manhã de hoje. Ricardo foi a grande novidade...)*

PECAS

FALSA ABERTURA – A SECO

O Conselho Nacional do CDS-PP reúne-se esta noite no Porto para desconvocar o congresso que estava marcado para o próximo fim-de-semana e acertar a sua realização após as eleições autárquicas. Daqui a pouco estaremos em directo do Porto Palácio hotel, onde o Conselho Nacional do partido reúne a partir das 20h30.

[IN15POBR] POBREZA AUMENTA EM PORTUGAL

Para já olhamos os números negros do INE. Quase metade da população portuguesa está em risco de pobreza. Os dados hoje revelados mostram ainda que a taxa de risco de pobreza para os desempregados era de 38,2% nesse ano e que as famílias com crianças dependentes foram outro dos grupos que viram a taxa de risco de pobreza aumentar.

[IN15POLI] LEITURA ACORDÃO POLÍCIAS ACUSADOS AGRIDIR JOVENS

Os 3 agentes da PSP acusados de agressão a um grupo de 4 jovens na esquadra da PSP das Caxinas foram absolvidos. O Tribunal de Vila do conde considerou que não houve prova suficiente para uma condenação. Os factos remontam a Junho de 2010, os jovens queixaram-se de lesões e hematomas no corpo.

[IN15HBIC] LEITURA ACORDÃO FALSA HERDEIRA CANETAS BIC

O Tribunal de São João Novo, no Porto, condenou hoje a cinco anos e meio de prisão as duas mulheres acusadas terem burlado 86 pessoas com falsas promessas de trabalho no estrangeiro. As arguidas colocavam anúncios nos jornais para aliciar candidatos, que entregavam dinheiro para alegadas despesas burocráticas.

[IN15CHIN] REFEITA TRIBUNAL GNR QUE EXTORQUIAM CHINESES

Os cinco militares da GNR que exigiam dinheiro e prendas a comerciantes chineses vão responder em tribunal pelos crimes de corrupção e abuso do poder. Os casos ocorreram entre 2009 e 2012. O ministério público pede que os militares sejam expulsos da GNR.

[IN15ARGO] ARRASTÃO EM GANDOMAR

Foram momentos de pânico vividos durante um assalto num café de Gondomar nesta madrugada. Três homens encapuzados e armados entraram no estabelecimento por volta da uma da manhã e ameaçaram dezenas de pessoas que ainda se encontravam no local. Levaram o dinheiro da caixa e ainda roubaram as carteiras de alguns clientes.

[IN15IAGR] IDOSA AGREDIDA EM V.N. FAMALICÃO

Uma mulher de 76 anos foi agredida e roubada dentro da própria casa este domingo na freguesia de Joane em Famalicão. A idosa foi violentamente agredida com uma faca e um martelo durante a manhã... estava sozinha e só conseguiu pedir ajuda durante a tarde.

[IN15NCSE] NUMEROS CRIMINALIDADE 1º SEMESTRE

A violência física durante os crimes tem vindo a aumentar em Portugal. Nos primeiros seis meses do ano quase metade dos crimes estão associados á força física.

Os dados da Direção Geral da Política de Justiça mostram no entanto que os homicídios, os envenenamentos e as ameaças psicológicas diminuíram em relação ao ano passado.

[IN15OFPE] OFF2 CORPO PESCADOR

Foi encontrado o corpo do pescador de 59 anos que desapareceu a 3 de julho num naufrágio, ao largo da torreira na zona de Aveiro. O cadáver foi encontrado na manhã de hoje na praia de S. Jacinto, em Aveiro a cerca de 10 milhas do local do acidente, por um pescador desportivo. O barco de pesca costeira das Caxinas em Vila do Conde andava na faina com seis pescadores a bordo, quando virou, há 12 dias. Cinco tripulantes foram resgatados com vida no dia do acidente. O sexto tripulante, o mais velho, não conseguiu resistir e desapareceu no mar, não tendo sido encontrado durante as buscas que decorreram durante três dias.

[IN15TOUR] TOURO À SOLTA FAZ DOIS FERIDOS

Foi o pânico em Vila Real. Um touro fugiu quando estava a ser colocado numa carrinha de transporte e feriu duas pessoas. O animal chegou mesmo a entrar no recinto do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro e causou ainda danos nas viaturas. O touro acabou por ser abatido pela PSP.

[SP15SPPT]-----SEPARADOR FCP----- O Futebol Clube do Porto regressou aos treinos no Olival na manhã de hoje. O ex-vimaranense Ricardo foi a grande novidade

[IN15DIFI] DIVIDAS AO FISCO AUMENTARAM

As dívidas ao fisco e á segurança social aumentaram cerca de quatro mil milhões de euros desde que a troika chegou a Portugal em 2011. Os números constam do Relatório de Combate à Fraude e Evasão Fiscais. No total, a dívida é já superior a 28 mil milhões de euros. Na Segurança Social, o aumento das dívidas é ainda maior, foi de 34% em 2011 e 2012.

[IN15OFLE] OFF2 LEI DAS RENDAS

O aumento das rendas passa a ser uma realidade a partir de hoje. A lei entrou em vigor no final do ano passado, mas só a partir de agora, depois de o documento ter sido disponibilizado no portal das Finanças, é que os inquilinos com baixos

rendimentos podem verdadeiramente começar a prová-lo. O documento, que pode agora ser apresentado em mão, em qualquer serviço de finanças define a atualização do valor da renda e os tectos máximos para cada atualização: são de 10% para rendimentos até 500 euros, de 17% para agregados com rendimentos mensais até 1500 euros e de 25% para quem receba até aos 2829 euros. De acordo com o primeiro relatório da Comissão de Monitorização da Reforma do Arrendamento Urbano, nos últimos 6 meses mais de 27 mil inquilinos já solicitaram o comprovativo de carência económica... O presidente da Associação de Inquilinos Lisbonenses fala em 40 mil pedidos.

[IN15THEL] TH ELSA MOREIRA

-----SEPARADOR NORMAL-----

---DIRECTO EDUARDA----

O Conselho Nacional do CDS-PP reúne-se esta noite no Porto, para desconvocar o congresso que estava marcado para o próximo fim-de-semana. A incerteza sobre a solução para o governo justificam o adiamento do XXV Congresso do partido. Este é já o segundo adiamento uma vez que o Congresso estava inicialmente marcado para os dias 6 e 7 de julho na Póvoa de Varzim... E depois do pedido de demissão de Paulo Portas passou a estar previsto para 20 e 21 de julho.

A jornalista Eduarda Pires está em directo do Porto Palácio Hotel. Boa noite Eduarda, já começou a reunião?

[IN15MRSS] MARCELO REBELO DE SOUSA + SOCRATES BOCAS A CAVACO

Sobem de tom as críticas ao Presidente da República depois do pedido de compromisso de salvação nacional... Na RTP José Sócrates acusou Cavaco Silva de estar a tentar envolver o PS num buraco que continua a ser escavado. Já na TVI Marcelo Rebelo de Sousa considerou que o presidente agravou a crise do país. E levantou dúvidas quanto à constitucionalidade de aceitar eleições antecipadas sem ouvir todos os partidos com assento parlamentar e o Conselho de Estado.

[IN15OFRE] OFF2 REUNIÕES REPRESENTANTES PARTIDOS

PSD, CDS-PP e PS voltaram hoje à mesa das negociações para o compromisso de salvação nacional, proposto pelo presidente da República. Na reunião, segundo comunicados iguais dos três partidos que assinaram o memorando de entendimento, foram abordados de modo detalhado os três pilares apresentados pelo Presidente da República, tendo sido identificadas as questões fundamentais com vista à obtenção de um "Compromisso de Salvação Nacional" com a máxima brevidade.

Mota Soares, Moreira da Silva, Alberto Martins, Poiares Maduro, Carlos Moedas e o representante da Presidência David Justino estiveram reunidos. O encontro decorreu na sede do PS, no Largo do Rato, em Lisboa.

[IN15OFVE] OFF2 ENTREGA MOÇÃO CENSURA VERDES

O partido ecologista "Os Verdes" apresentou hoje a moção de censura ao governo. Pedro Passos Coelho vai enfrentar a 5ª moção de censura do seu mandato.

A moção de censura do partido os verdes foi anunciada na sexta-feira e vai discutida e votada na quinta-feira às 15h00 na Assembleia da República. Conta com o apoio de PCP, BE e do PS, que anunciou que vai votar a favor. A moção de censura tem chumbo garantido uma vez que a maioria parlamentar PSD-CDS-PP votará contra.

[IN15OFDE] OFF2 UTAO DÉFICE DISPAROU

A crise política e a conjuntura internacional podem fazer derrapar o défice. O alerta é da Unidade Técnica de Apoio Orçamental da Assembleia da República. Os técnicos do parlamento estão preocupados com evolução das contas públicas. Dizem mesmo que o cumprimento da meta do défice para este ano, de 5,5% do PIB, está em risco devido aos "recentes desenvolvimentos no plano político".

No relatório sobre os dados das contas públicas do primeiro trimestre hoje publicado, a UTAO assinala que o défice público de 10,6% do PIB representa o pior resultado nos três primeiros meses do ano registado desde 2009.

-----*SEPARADOR MANUEL TAVARES*-----

-----*COMENTÁRIO MANUEL TAVARES*-----

-----*SEPARADOR NORMAL*-----

[FP15AT] TREINO FCP

O Futebol Clube do Porto regressou aos treinos no Olival na manhã de hoje. Ricardo foi a grande novidade... O ex-vimaranense treinou pela 1ª vez com a nova equipa.

Destaque também para as ausências de Alexandro, Varela e Danilo, na sessão de trabalho que foi acompanhada pelo jornalista Tiago Girão.

RODAPÉ – *O Futebol Clube do Porto prepara a deslocação américa do sul na próxima semana.*

[IN15SPAD]-----SEPARADOR SALDOS-----*Arrancaram hoje oficialmente os saldos... Mais à frente vamos ver como foi o 1º dia.*

[IN14VAGA] VAGAS ENSINO SUPERIOR

O ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, defendeu hoje que as universidades e os politécnicos devam “entender-se” para evitar a sobreposição de cursos com poucos alunos em localidades próximas. O número de vagas e de candidatos no Ensino Superior continua a diminuir. Na primeira fase estão disponíveis menos 837 lugares do que no ano passado. Mais de 45% das vagas são nas áreas de engenharia, ciências empresariais e saúde.

[IN15CCDR] NOVO CICLO CCDR-N CONFERÊNCIAS

A Comissão de coordenação e desenvolvimento regional do norte está a preparar o novo ciclo comunitário para 2014-2020. O governo deverá ter até final de setembro todas as estratégias regionais para posteriormente negociar com a Comissão europeia. O presidente da CCDR-N já alertou que os fundos deverão ser inferior aos 460 milhões de euros do ciclo anterior, tendo em conta o cenário de crise nacional e europeia.

[IN15MARC] MARCO ANTÓNIO COSTA E BISPO BRAGANÇA REUNIDOS

Marco António Costa diz que está para breve a Rede de Centros de Noite. O Secretário de estado da solidariedade e segurança social anunciou uma resposta social inovadora que irá permitir que os idosos que moram sozinhos possam passar as noites em segurança.

[IN15JORN] JORNALISTA PROCURA DE ALTERNATIVAS ÀS ANTIGAS SCUTS – PODE CAIR

O jornalista Rui Cardoso lançou um guia para circular nas antigas scut. O livro Pare, SCUT e Olhe” ensina a fugir às portagens e até a poupar em algumas viagens. Segundo o autor, a eliminação das SCUT foi mais prejudicial do que benéfica tanto para o Estado como para os contribuintes.

[IN14OQDI] O QUE DISTINGUE UM BOMBEIRO PROFISSIONAL DE UM VOLUNTÁRIO

Nesta altura do ano, o trabalho dos bombeiros é crucial no combate aos fogos florestais. O porto canal acompanhou o dia-a-dia de uma corporação e ouviu as dificuldades de quem dedica a vida a ajudar os outros.

[IN14SOUT] SOUTO MOUTA INAUGURA CENTRO CULTURAL DE VIANA

Foi inaugurado este domingo o novo Centro Cultural de Viana do Castelo. A obra foi projectada por Eduardo Souto Moura e demorou 5 anos a ser construída. Custou mais de 13 milhões de euros.

[IN15SPRA]--SEPARADOR RAJOY—Mariano Rajoy diz que não se demitirá e escuda-se na defesa da “estabilidade política” para que Espanha ultrapasse a crise económica e financeira

[IN15SALD] ARRANQUE OFICIAL ÉPOCA DE SALDOS

Arrancou hoje a época oficial de saldos de Verão, 24 dias mais cedo que no ano passado. Mas as promoções já começaram há muito e em algumas lojas praticam-se durante o ano inteiro. Na rua de santa catarina no porto eram poucos os compradores que esta manha procuravam os saldos.

[IN15OPTI] OPTIMUS ALIVE BALANÇO

Três noites de concertos com mais de 100 artistas. Foi assim a edição deste ano do Optimus Alive que terminou este domingo no passeio marítimo de Algés, em Oeiras. Green Day, Depeche Mode e Kings of Leon foram os momentos altos do festival.

[SEPVE13]-----SEPARADOR “VERÃO 2013”-----

[IN15CMBA] CM BAIÃO ALBERGUE ALDEIA DO MARÃO

Esta semana no Especial Verão 2013 damos-lhe sugestões de locais para ficar no norte de Portugal. Esta segunda-feira propomos-lhe o primeiro albergue de natureza: o empreendimento turístico fica situado na aldeia de Mafómedes em Baião. Os albergues estão a ser criados através da reconversão de antigas escolas primárias.

[SEPVE13]-----SEPARADOR “VERÃO 2013”-----

[IN15PORA] POLEMICA RAJOY

Mariano Rajoy diz que não se demitirá apesar de Luis Bárcenas, o antigo tesoureiro do Partido Popular, ter afirmado hoje em tribunal que fez pagamentos ilegais a dirigentes do partido, incluindo o actual chefe do governo, Rajoy.

[IN15SIIN] SÍNTESE INTERNACIONAL

METEOROLOGIA

PROMOÇÃO DO SITE PORTO CANAL.

A informação está sempre actualizada on-line, para além de toda a programação do canal. www.portocanal.sapo.pt

Caso 2 – Jornal das 13h do dia 3 de Julho de 2013

JORNAL DIÁRIO

RESUMO

[IN03SIJD] SINTESE ABERTURA

1. CDS mantém-se no Governo e Portas negocia solução com Passos Coelho
2. **Debate sobre a crise no governo com Rui Saraiva e José Gagliardini Graça**
3. Um barco de pesca naufragou ao início da tarde ao largo da costa de Aveiro. Um pescador está desaparecido.
4. **Pinto da Costa em directo neste jornal.**

PECAS

[IN03CASO] DESENVOLVIMENTOS CASO PORTAS

Paulo Portas volta atrás e está disposto a negociar um acordo de coligação com Passos Coelho. A decisão foi tomada durante a tarde na reunião da comissão executiva do CDS-PP. Paulo Portas vai reunir-se com o primeiro-ministro para tentarem ultrapassar a crise de Governo. E Assunção Cristas, ministra da Agricultura, e Pedro Mota Soares, ministro da Solidariedade e Segurança Social mantêm-se em funções, apesar de terem colocado os lugares à disposição do partido.

RODAPÉ: O anúncio foi feito pelo presidente da Mesa do Congresso do CDS, Luís Queiró. Paulo Portas poderá falar ainda hoje ao país... caso essa comunicação se realize transmitiremos em directo as declarações do líder do CDS-PP.

[IN03CIPA] CONFERENCIA PASSOS EM BERLIM

Passos Coelho acredita que a crise política vai ser resolvida depressa. O 1º ministro falava esta tarde em Berlim, onde participou numa conferência europeia dedicada ao combate do desemprego jovem. Passos justificou a sua presença dada a importância da reunião, apesar Portugal estar a viver uma crise política.

[IN03THPA] TH PASSOS SOBRE MARIA LUIS ALBUQUERQUE

Passos Coelho voltou a reiterar a confiança na escolha de Maria Luis Albuquerque para a pasta das Finanças. O 1º Ministro disse que a substituição de Vítor Gaspar por

Maria Luís Albuquerque foi bem recebida por parte dos decisores políticos que deram assim a sua bênção à nova ministra. Segundo Pedro Passos Coelho, a nova ministra das Finanças foi parte muito importante da equipa governamental e que é bem conhecida e inspira confiança junto das instituições europeias.

[IN03VRDP] VOX POP REACÇÃO DEMISSÃO DE PORTAS

E o que pensam os portugueses das demissões no governo? O porto canal foi à rua ouvir reacções sobre a crise governativa.

[IN02THMC] TH MIGUEL CADILHE

O antigo ministro das Finanças Miguel cadilhe defende que Passos Coelho e o PR vão tentar encontrar outra solução que não a dissolução do Parlamento... e que essa deverá ser a última opção. O economista considera ainda que a demissão de Gaspar é digna, mas que a de Paulo Portas é condenável.

[IN02THMA] TH MIRA AMARAL

O antigo ministro de Cavaco Silva e economista Mira Amaral não ficou surpreendido com a demissão de Gaspar. Diz que as condições do exercício do cargo eram muito difíceis.

[IN02THVS] TH VIEIRA DA SILVA

O antigo ministro da economia de José Socrates, Vieira da Silva considera a demissão de Paulo Portas violenta e que não há condições para a coligação continuar. Vieira da Silva defende a realização de eleições antecipadas.

[IN03IBOR] IMPACTO DA CRISE NA BOLSA REFEIRA

A crise política que o país atravessa lançou o pânico nos mercados. Esta 4ª feira a Bolsa nacional fechou com a maior queda desde Abril de 2010. A banca afundou mais de 10%. Na bolsa de Lisboa viveu-se um verdadeiro crash, a arrastar todas as outras bolsas europeias. Também os Juros da dívida atingiram o valor mais alto dos últimos 8 meses.

[IN03CMEU] COMO MUDAR A EUROPA

O partido da Esquerda Radical grega Syriza defende a realização de eleições antecipadas em Portugal de forma urgente. O representante do partido está no Porto a participar na universidade de Verão da esquerda europeia, onde está a ser debatido o futuro da europa.

[IN03DEPA] DEBATE PARLAMENTAR

No debate parlamentar desta 4ª feira, a oposição foi unânime no pedido de demissão governo e de realização de eleições antecipadas. A expressão mais usada pela oposição foi a de um pântano político. Os verdes acenaram também com uma moção de censura ao governo.

----- --DEBATE-----

RUI SARAIVA, gestor

JOSÉ GAGLIARDINI GRAÇA, advogado, CDS

RODAPÉ: Esta noite ás 22h30 especial debate. Num mometo difcil do pais o PC junta Miguel Cadilhe, Daniel Bessa e Silva Peneda.

-----SEPARADOR NORMAL-----

[IN03NAOV] NAUFRÁGIO OVAR

Um barco de pesca naufragou ao inico da tarde ao largo da costa de Aveiro. Seis pescadores estavam a bordo da embarcação...cinco foram resgatados com vida e um está desaparecido. Estão a ser efetuadas buscas por terra e mar.

[IN02CRRP] CORRUPÇÃO CARTAS CONDUÇÃO

A Polícia Judiciária desmantelou um esquema de corrupção de escolas de condução envolvendo 24 pessoas, suspeitas de enriquecerem ilicitamente à custa de analfabetos, deficientes e repetentes crónicos. O esquema funcionava em torno dos centros de exames de Mirandela e Bragança. Os instrutores são suspeitos de chegarem a cobrar mais de 7500 euros por cada exame de condução.

[IN03IJGM] INÍCIO JULGAMENTO ASSALTANTE MÁQUINAS METRO

Começou hoje o julgamento de quatro elementos de um gangue acusados de mais de 30 assaltos a máquinas de venda de bilhetes do Metro. Os assaltos ocorreram no Porto, Maia, Vila do Conde e Gaia.

-----SEPARADOR NORMAL-----

[IN03ALEX] TH ALEX SANDRO

Hoje foi o terceiro dia do início de temporada do FC Porto. Alex sandro falou aos jornalistas para dizer que o campeonato é o grande objectivo do Porto para a nova época.

DIRECTO PINTO DA COSTA

O presidente do FCP Porto, Pinto da Costa está esta noite num jantar no Círculo Universitário do Porto, com os professores da UP... numa homenagem a uma época de grandes conquistas.

A jornalista Ana Filipa Gomes está a acompanhar a iniciativa. Boa noite, o que nos podes adiantar?

-----SEPARADOR NORMAL-----

[IN03CNSA] CRISE NOS SALDOS

A época oficial de saldos começa a 15 de Julho, mas quase todas as lojas já fazem descontos e promoções até aos 50%. A Associação de comerciantes do Porto diz que os comerciantes são obrigados a baixar os preços para escoarem o produto, mas não têm lucro.

[IN03APPL] ACÇÃO PROTESTO PINTAMO LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Cerca de duas dezenas de jovens juntaram-se esta tarde numa acção de protesto contra a nova lei que pune quem fizer grafittis sem autorização prévia. A nova lei foi hoje aprovada no Parlamento.

[IN03ENVC] CI ESTALEIROS NAVAIS VIANA

O Ministério da defesa ainda não fez chegar qualquer esclarecimento à comissão Europeia sobre os 180 milhões de euros de ajudas aos ENVC. O presidente da Câmara de Viana do castelo e a comissão de trabalhadores juntamente com os alguns deputados socialistas reuniram ontem com o comissário Europeu, Joaquin Almunia. E pedem uma resposta sobre o processo.

[IN03HOSP] SECTOR PRIVADO QUER GERIR HOSPITAIS PUBLICOS

O sector privado da saúde quer gerir hospitais do Serviço Nacional de Saúde. O presidente da Associação Portuguesa de Hospitalização Privada garante que os privados estão preparados. Artur Osório considera mesmo que de uma forma progressiva, o Estado deve ir alienando parte do seu setor produtivo para um setor privado concorrencial.

[IN03UMAR] UMAR APRESENTA PROJECTO PUBLIDIVERSIDADE - andrea a.

[IN03GHCB] GRANDE HISTÓRIA PULSEIRAS CABO DO MAR

Vamos conhecer uma empresa de sucesso. Três amigos com paixão pelo mar, pela vela e pela cidade de Viana do castelo juntaram-se e criaram a marca Cabo D'Mar... Uma marca de pulseiras feitas a partir de cabos náuticos... A marca já é vendida e reconhecida em vários países como Espanha, França e Itália.

[IN03CPLA] CM PORTO PROMOVE LETRAS NA AV. SUBSTITUIÇÃO FEIRA LIVRO

Entre 12 e 28 de Julho realiza-se o evento letras na avenida, promovido pela CM do Porto e uma instituição de cultura. O certame vai trazer livrarias do porto à Avenida dos aliados.

[IN03PAAM] PARQUE AQUÁTICO DE AMARANTE

O Parque Aquático de Amarante é um dos principais pontos de atracção no norte do país durante o Verão. Tem capacidade para 1500 pessoas, por dia, e durante os meses mais quentes são muitas as vezes em que a lotação fica esgotada. No ano passado recebeu 120 mil visitantes durante o verão.

[IN03SIIN] SÍNTESE INTERNACIONAL

[SEPVE13]-----SEPARADOR “VERÃO 2013”-----

[IN03PAMA] PRAIA DA MARIANA

A praia da Arda ou Mariana, é assim que ela é mais conhecida, é uma das praias de Viana do castelo mais procurada para a pratica de desportos como surf, bodyboard. Uma praia jovem e com um extenso areal que proporciona bons momentos no verão.

[SEPVE13]-----SEPARADOR “VERÃO 2013”-----

METEOROLOGIA